

## Agradecimentos

Na nossa existência, passamos por uma diversidade de etapas, que muitas vezes envolvem esforços enormes, mas que nos fazem crescer ao longo da vida.

Este Mestrado é o fim de uma etapa vencida, que marca o início da próxima batalha a ser superada. Ao longo destes anos, os esforços por vezes não bastaram, mas o apoio prestado por todos os amigos, familiares, professores e colegas de trabalho foi muito gratificante, pois, em dias de cansaço e desânimo, as suas palavras foram reconfortantes, dando-me forças para continuar esta longa batalha.

Agradeço aos meus pais, irmão, namorado e amigos que sempre disseram que nada iria ser fácil, mas com todo o seu apoio tudo iria conseguir superar. Ao longo desta vida académica, conheci pessoas fantásticas e fiz amizades. Para além de todo um leque de amigas e colegas, conheci professores igualmente fantásticos, que nos dias difíceis estavam sempre perto para transmitir muita força e ajudar em tudo o que fosse preciso. Conheci igualmente, o senhor Rui, que nunca se esquecerá desta turma de Mestrado, e nunca será esquecido pela dedicação e prontidão em ajudar. Acima de tudo, não posso deixar de agradecer a Deus e a Nossa Senhora, que estarão sempre presentes ao longo da minha vida.

No decorrer do estágio de Mestrado, contei com o apoio de diversas orientadoras e supervisoras, tive igualmente um grande apoio por parte da educadora, que me fez crescer a nível profissional. Momentos de cansaço e angústia foram sentidos, mas, com a ajuda de todas essas pessoas, consegui chegar onde cheguei.

Tudo isto resume-se a um grande crescimento pessoal, a verdadeira razão pela qual cresci e hoje me tornei a mulher que sou. A palavra desistir não fez parte da minha vida, pois a esperança e a força interior prevalecerão sempre, mesmo em dias menos bons.

Um grande obrigado a todos pelo apoio incondicional, compreensão e paciência por todas as ausências sentidas ao longo destes quatro anos de esforços. Sem todos vós, nada seria possível.

## Resumo

O presente estudo observacional desenvolveu-se ao longo de três meses (março, abril e maio), durante os quais foram realizadas nove observações. Através deste estudo, procurou-se compreender de que forma as histórias infantis poderiam ser um elemento facilitador da transversalidade das áreas curriculares.

Sendo que o ato de contar histórias é considerado como uma estratégia pedagógica na formação do caráter social e intelectual da criança, pretendeu-se com este trabalho compreender e explicar a sua importância no contexto pré-escolar. Através das histórias desenvolve-se uma diversidade de competências, tais como a imaginação, o gosto pela leitura, a concentração, o espírito crítico, entre outras. Nestas aprendizagens o educador tem um papel importantíssimo, dado que a seleção das histórias deve ser adequada para proporcionar momentos de aprendizagens, que deverão estar integrados nas atividades do dia-a-dia da educação pré-escolar.

Apoiado na metodologia de investigação, o estudo observacional implicou a utilização de diversas técnicas e instrumentos para recolher dados, sendo assim possível perceber a importância das histórias infantis na educação pré-escolar.

**Palavras-chave:** literatura infantil, transversalidade das áreas curriculares, aprendizagens diversificadas.

## *Abstract*

This observational study was developed for 3 months (March, April and May), during which time nine observations were conducted. Through this study, we tried to understand in which way children's stories could be an enabler for the transversality of curriculum areas.

Since telling stories is considered a pedagogical strategy in the child's social and intellectual character building, we intended with this work to understand and explain its value in the preschool context. Through story telling children develop a diversity of competences, such as imagination, taste for reading, concentration, critical thinking, among others. In these developments, the educator has a very important role, because the selection of stories has to be adequate to provide learning moments, which should be integrated in the preschool daily activities.

Supported by investigation methodology, the observational study implied the use of various techniques and instruments for gathering data, making it possible to understand the importance of children's stories in preschool education.

**Key words:** *children literature, transversality of curriculum areas, diversified learnings.*

## Índice geral

|   |     |
|---|-----|
| Agradecimentos .....  | i   |
| Resumo .....  | ii  |
| <i>Abstract</i> .....   | iii |
| Índice de figuras .....   | vi  |
| Lista de abreviaturas/siglas.....                                 | vii |
| Introdução.....   | 1   |
| <b>CAPÍTULO 1</b> .....   | 3   |
| 1. Quadro de referência teórico .....                             | 4   |
| 1.1. Aparecimento e Evolução da Literatura Infantil.....          | 4   |
| 1.2. Função dos adultos na leitura de histórias infantis .....    | 4   |
| 1.3. A importância das histórias.....                             | 7   |
| 1.4. Aprendizagens através das histórias .....                    | 8   |
| 1.5. As histórias desenvolvem competências em todas as áreas..... | 9   |
| <b>CAPÍTULO 2</b> .....   | 11  |
| 2. Problematização e metodologia.....                             | 12  |
| 2.1. Problema, objetivos e questão central do estudo .....        | 12  |
| 2.2. Paradigma .....  | 12  |
| 2.3. <i>Design</i> do estudo.....                                 | 13  |
| 2.4. Participantes.....   | 13  |
| 2.5. Instrumentos de recolha de dados .....                       | 16  |
| 2.5.1. Recolha de dados.....                                      | 18  |
| 2.6. Tratamento e análise de dados .....                          | 19  |
| 2.7. Proposta de intervenção .....                                | 20  |
| <b>CAPÍTULO 3</b> .....   | 23  |
| 3. Resultados.....  | 24  |

|  |    |
|--|----|
| 3.1. Apresentação e discussão dos resultados .....                                   | 24 |
| 3.1.1. Observações das narrativas e respectivas atividades .....                     | 24 |
| 3.1.2. Dados da entrevista realizada à educadora.....                                | 33 |
| 3.1.3. Dados dos questionários realizados às crianças .....                          | 35 |
| 4. Considerações finais .....  | 41 |
| Referências bibliográficas .....   | 44 |
| Anexos.....  | 46 |
| Anexo1 – <i>Check-list</i> com identificação de áreas desenvolvidas em cada história |    |
| Anexo 2 – Guião da entrevista realizada à educadora                                  |    |
| Anexo 3 – Questionário realizado às crianças   |    |

## Índice de figuras

|   |    |
|---|----|
| Figura 1 - Áreas observadas na história: “ O burro vestido com pele de leão”..... | 24 |
| Figura 2 - Áreas observadas na história: “Palavras Pequenas” .....                | 25 |
| Figura 3 - Áreas observadas na história: ”Todos no sofá” .....                    | 26 |
| Figura 4 – Personagens da história: “Todos no sofá” .....                         | 27 |
| Figura 5 - Áreas observadas na história: ”O Príncipe de Veneza”.....              | 27 |
| Figura 6 - Áreas observadas na história: ”Mãe maravilha” .....                    | 28 |
| Figura 7 - Áreas observadas na história: ” As cores do arco íris” .....           | 29 |
| Figura 8 - Áreas observadas na história: ”O pássaro da alma” .....                | 29 |
| Figura 9 - Áreas observadas na história: ”Ainda nada?” .....                      | 30 |
| Figura 10 - Áreas observadas na história: ” Desculpa-me” .....                    | 31 |
| Figura 11 - Áreas observadas .....  | 33 |
| Figura 12 - Pergunta: Gostas de ouvir histórias?.....                             | 36 |
| Figura 13 - Pergunta: Como preferes ouvir histórias?.....                         | 37 |
| Figura 14 - Pergunta: Gostas de ficar: .....                                      | 38 |
| Figura 15 - Pergunta: Gostas de contar histórias? Como? .....                     | 39 |

## **Lista de abreviaturas/siglas**

**OAE** - Orientações para Actividades de Leitura

**OCEPE** - Orientações Curriculares para a Educação Pré-Escolar

## Introdução

O presente trabalho tem como finalidade a obtenção do grau de Mestre para a Qualificação para a Docência em Educação Pré-Escolar. Corresponde à descrição de um trabalho desenvolvido num contexto de jardim-de-infância, com um grupo de vinte e três crianças de cinco anos de idade e a respetiva educadora.

Este trabalho surgiu em contexto de estágio, após ter observado a realidade educativa, e centra-se na importância que as histórias infantis têm hoje em dia na educação pré-escolar.

As histórias infantis são abordadas na educação pré-escolar diariamente, sendo por vezes exploradas nas diferentes áreas curriculares, mesmo sem existir uma intencionalidade educativa. Pretende-se perceber se, através das histórias, poderão ser intencionalmente desenvolvidas aprendizagens nas diversas áreas curriculares.

Assim sendo, pretendia-se perceber até que ponto a literatura infantil (histórias infantis) contribui transversalmente para o desenvolvimento das diversas aprendizagens (intelectuais, pessoais e sociais), tendo em conta as diferentes áreas curriculares estipuladas para este nível de ensino e com base na realidade educativa de uma sala de pré-escolar. O estudo desenvolvido contribuiu assim para uma melhor compreensão das situações reais.

Decidiu-se optar por um estudo observacional de natureza qualitativa, constituindo-se como principais técnicas e instrumentos de recolha de dados a observação através das notas de campo, as conversas com as crianças, os registos fotográficos de uma atividade desenvolvida e as entrevistas.

O presente trabalho está organizado em três capítulos. No primeiro, é apresentado um enquadramento teórico sobre o tema, mais precisamente, a importância das histórias infantis como elemento facilitador para a transversalidade das áreas curriculares. No segundo capítulo apresentam-se os objetivos específicos referentes ao objetivo principal, a questão central do estudo e as questões de investigação, a metodologia e os procedimentos de recolhas de dados. No terceiro e último capítulo, são abordados os resultados obtidos após a concretização da entrevista, dos questionários e das observações realizadas.

Após esta apresentação, encontram-se descritas as considerações finais, onde se explica se os objetivos foram atingidos, sendo feita uma reflexão sobre a investigação e uma referência às investigações que poderão ser feitas na sequência deste trabalho. Por fim, encontram-se as referências bibliográficas, seguidas dos anexos.

# CAPÍTULO 1

## **1. Quadro de referência teórico**

A educação pré-escolar é o início de um caminho para desenvolver aprendizagens necessárias para o futuro das crianças de hoje, que se tornarão jovens e adultos de uma sociedade na qual se inserem, com vista ao sucesso escolar. Tal como Sim-Sim (2008) refere, a educação pré-escolar “é o primeiro degrau de um longo caminho educativo com um peso decisivo no sucesso escolar e social dos jovens” (p. 7).

### **1.1. Aparecimento e Evolução da Literatura Infantil**

A Lei-Quadro da Educação Pré-Escolar (Lei n.º5/97) refere que a educação pré-escolar é a etapa inicial para o futuro da criança na sua formação. Desenvolve na criança uma diversidade de conteúdos a diferentes níveis intelectual, humano e expressivo.

A literatura infantil tem as suas origens na novelística popular medieval, tendo os seus primeiros registos na Índia, numa época muito anterior. No entanto, a literatura infantil constitui-se como género durante o século XVII. No século seguinte, a literatura evoluiu para atingir o público infantil, onde os clássicos sofreram adaptações. Como todas as obras, a literatura infantil deve estar sempre em constante renovação, adaptando-se às gerações atuais, uma vez que se faz sentir a necessidade de renovar e inovar todas e quaisquer obras, para que correspondam às necessidades e gostos dos públicos a quem se destina.

Em Portugal, foi sobretudo após o 25 de abril que se deu o *boom* da literatura infantil. Ramos (2007) refere que as editoras investiram em histórias infantis, enquanto outrora as histórias eram transmitidas oralmente e assim passavam de geração em geração. A partir de então, essa transmissão passou a basear-se mais na leitura dos textos escritos e hoje existe uma diversidade de meios para contar histórias, como os livros de histórias, os meios audiovisuais e os fantoches, marionetes e outros objetos de carácter lúdico que facilitam a encenação e a ilustração das narrativas.

### **1.2. Função dos adultos na leitura de histórias infantis**

Hoje em dia, nem todas as crianças têm oportunidade de, no seu seio familiar, lhes ser proporcionada a leitura de histórias, cabendo então aos educadores proporcionar-lhes esses momentos.

A leitura de histórias na infância conduz a criança a um mundo de fantasia, que a leva a compreender situações da sua vida quotidiana. Como referem as Orientações para Actividades de Leitura (OAE), quando as crianças ouvem contar histórias ao longo da sua infância, é-lhes facilitada a interiorização e perceção de um mundo de fantasia e de situações reais do seu quotidiano, contribuindo para uma melhor compreensão dessas situações. Nos dias de hoje, ainda se constata que muitas crianças não têm oportunidade de ouvir ler histórias em família, cabendo nesse caso a tarefa ao educador, pois estas são experiências muito importantes e de grandes aprendizagens para todas as crianças em idade pré-escolar, e não só.

Na linha desta ideia, Formosinho (2013) defende que o papel do educador é fundamental relativamente à organização do ambiente educativo: quanto mais organizado e apelativo for, mais acolhedor se torna, o que fará com que a criança se sinta bem nesse mesmo ambiente. O educador deverá saber **escutar** e **observar** a criança, para compreender e responder às suas necessidades, através de atos reproduzidos pela mesma, desenvolvendo os seus interesses e conhecimentos, tanto da criança, como do grupo, em direção a novas e diversas aprendizagens.

Segundo as Orientações Curriculares para a Educação Pré-Escolar - **OCEPE** (1997), para além de observar as crianças, cabe ao educador promover o seu desenvolvimento de acordo com as suas características individuais, através de ações, tais como, **planear** de acordo com as necessidades individuais e do grupo, desenvolvendo uma diversidade de atividades; **agir** tendo em conta a sua própria formação educativa e adaptando a sua prática às necessidades das crianças; **avaliar** o resultado final de acordo com as aprendizagens transmitidas, avaliando na íntegra o processo, para melhorar a sua intervenção; por fim, **articular** dando uma continuidade educativa ao trabalho desenvolvido ao longo do período pré-escolar, proporcionando as aprendizagens necessárias para a entrada no 1.º Ciclo do Ensino Básico.

Para que a criança esteja disposta em interiorizar esses conhecimentos e aprendizagens, esta deverá ter um bom relacionamento com o adulto. Para além disso, Hohmann e Weikart (2011) consideram que, para haver uma boa relação pedagógica, os membros da equipa devem empenhar-se relativamente à educação da criança e trabalhar em conjunto para partilharem informações, planear estratégias curriculares e avaliar a eficácia dessas estratégias (p.129). Ensinar não é transferir conhecimentos, mas, sim,

produzi-los, construí-los, partilhá-los com todos os intervenientes, crianças e adultos. Estes conhecimentos vão sendo desenvolvidos ao longo das aprendizagens, ao longo da vida de qualquer ser humano. É benéfico que todos os conhecimentos que os adultos vão desenvolvendo sejam partilhados com todos os intervenientes responsáveis pela educação das crianças, tal como é referido nas **OCEPE** (1997) o conhecimento que o educador vai adquirindo é enriquecido pela partilha com outros intervenientes que também têm responsabilidade na educação das crianças, designadamente, colegas, auxiliares de ação educativa e os pais (p.26).

O educador poderá criar diversas estratégias de envolvimento por parte das crianças, mesmo antes de iniciar a história. Segundo as **OCEPE** (1997), “as histórias lidas ou contadas pelo educador, recontadas e inventadas pelas crianças, são um meio de abordar o texto narrativo que, para além de outras formas de exploração, noutros domínios de expressão, suscitam o desejo de aprender a ler” (p.70). Antes de iniciar a leitura de uma história, o educador, poderá inicialmente ler o título e questionar as crianças sobre o que se poderá tratar ao longo da mesma, pois ao utilizar esta estratégia fará crescer o interesse das crianças. O uso de fantoches, sombras chinesas, bem como as modulações de voz são também estratégias importantes para estimular a concentração na audição e compreensão das histórias.

Como refere Rodrigues (2014), a introdução de uma história na sala de atividades não deve ser feita apenas pelo adulto, pois as histórias devem estar sempre presentes, deve ser possível aceder-lhes diariamente como um dos recursos educativos a que a criança tem direito. Assim, cabe ao educador, em conjunto com o grupo, organizar um espaço destinado à atividade de leitura, mais conhecido como a área da leitura ou da biblioteca, que deve conter uma diversidade de livros. Qualquer área deverá ser organizada em conjunto com as crianças, pois estas dar-lhes-ão mais importância / interesse, sendo que nesta organização, é importante que o adulto transmita à criança a importância e o cuidado que se deve ter.

É importante que o educador em sala e os pais em casa deixem as crianças explorarem à sua maneira histórias infantis. Isto porque, ao deixar que as explorem livremente irão estimular e proporcionar novos gostos e interesses, o que se tornará numa grande conquista. Tal como sucede com tudo o que as rodeia, é necessário ajudar a criança a descobrir o que as histórias lhe poderão oferecer. Assim, pais e educadores

têm um papel fundamental nesta descoberta, estimulando e incentivando a leitura. Tudo isto poderá ser realizado através da narração diária de histórias de ambas as partes.

É realmente importante começar desde muito cedo a promover a leitura, pois isto fará com que a mesma faça parte do quotidiano da criança. É igualmente através da leitura destinada a crianças que, muitas vezes, se transmitem valores e algumas realidades da vida de uma forma mais simples, para uma perceção mais clara por parte de cada criança. Cabe tanto aos educadores como aos pais promoverem momentos de leitura, compreensão e interpretação para que a criança possa entender melhor o mundo em que vive.

### **1.3. A importância das histórias**

Contar e ler histórias são atividades que promovem uma diversidade de experiências que contribuem para as aprendizagens das crianças. Essas experiências favorecem o estabelecimento de vínculos afetivos, a partilha de momentos significativos, o desenvolvimento da imaginação, da linguagem, de conceitos matemáticos e de conhecimentos sobre o mundo implícitos em diversas histórias. Rigolet (2009) e Rodrigues (2014) referem que as crianças que estão diariamente expostas a diferentes tipos de literatura apresentam uma melhor aptidão no que diz respeito ao controlo da ansiedade, manifestando estratégias de adaptação e revelando equilíbrio emocional, refletindo uma boa capacidade afetiva para lidar com os seus sentimentos e com as suas emoções.

Segundo Hohmann e Weikart (2011), a implementação de uma rotina consistente e estruturada “permite às crianças antecipar aquilo que se passará a seguir e dá-lhes um grande sentido de controlo sobre aquilo que fazem em cada momento do seu dia pré-escolar” (p.8). Esta ideia explica que, muitas vezes, a criança dê continuidade às histórias retratando o seu dia-a-dia, tanto na escola, como em casa. As crianças poderão achar pertinente dar seguimento à história que estão a ouvir, através de outras histórias já ouvidas anteriormente.

Como indica Abramovich (1997), a leitura de histórias é muito mais importante do que realmente aparenta, pois contribui para a formação pessoal de cada criança. Retrata de forma direta, indireta ou metafórica as realidades vividas pela criança no seu

dia-a-dia, sendo assim importante a partilha em grupo, que ajudará na reflexão sobre alguns acontecimentos.

Partilhando a mesma ideia, Mata (2008) afirma que a partilha e as reflexões são uma peça fundamental para a formação pessoal de cada criança. Se através da leitura de histórias a criança poderá deparar-se com a própria realidade, é importante que o educador faça com que reflita sobre as suas ações e as dos outros a partir da literatura, que funciona assim como um importante e adequado ponto de partida para essas reflexões.

#### **1.4. Aprendizagens através das histórias**

Segundo Gregório (2011), a leitura de histórias é uma forma de aprendizagem, é um dos meios mais dinâmicos de desenvolvimento sistemático da linguagem e da personalidade. Ajuda na remoção de barreiras educacionais, principalmente através da promoção do desenvolvimento da linguagem e do exercício intelectual, possibilitando a normalização da situação pessoal da criança. Muitas vezes na educação pré-escolar encontram-se crianças com situações pessoais complicadas e, em muitos casos, a audição rotineira de histórias ajuda a que a criança tenha outra perspetiva da sua situação, pois acaba por escutar situações semelhantes vividas pelas personagens.

Segundo Abramovich (1997) quando a criança ouve histórias, passa a visualizar de forma mais clara os sentimentos que tem em relação ao mundo. As histórias desenvolvem questões já existentes na infância, como os medos, a inveja, a dor, a perda, ensinam uma diversidade de aprendizagens. É através das histórias que a criança descobre lugares e tempos, que nunca imaginou que existissem, aprende a pensar de diversas formas de agir em diversos contextos, de acordo com regras em que talvez nunca tivesse pensado. A diversidade de conteúdos abordados nas histórias permite à criança adquirir noções de matemática, de filosofia, de biologia, enfim, conhecer o mundo em que vive.

Tal como refere Abramovich (1997):

É através de uma história que se pode descobrir outros lugares, outros tempos, outros jeitos de agir e de ser, outras regras, outra ética, outra ótica... É ficar sabendo história, filosofia, direito, política, sociologia, antropologia, etc. sem precisar saber o nome disso tudo e muito menos achar que tem cara de aula (p. 17).

Pode afirmar-se que a leitura é uma forma de aprendizagem, desenvolvendo, entre outras, competências linguísticas. Para que essas competências sejam desenvolvidas é necessário que os textos lidos ou contados sejam estimulantes e que o seu vocabulário seja diversificado. De acordo com Abramovich (1997), é importante para as crianças ouvirem uma diversidade de histórias, pois ao escutá-las, iniciarão a sua aprendizagem como futuros leitores, abrindo-se-lhes um caminho repleto de descobertas que lhes permitem compreender o mundo (p.16).

### 1.5. As histórias desenvolvem competências em todas as áreas

De acordo com as **OCEPE** (1997):

(...) a educação pré-escolar é a primeira etapa da educação básica no processo de educação ao longo da vida, sendo complementar da acção educativa da família, com a qual deve estabelecer estreita relação, favorecendo a formação e o desenvolvimento equilibrado da criança, tendo em vista a sua plena inserção na sociedade como ser autónomo, livre e solidário (p.15).

Ora, através das histórias é possível proporcionar às crianças diversas aprendizagens, que contribuem em grande medida para o desenvolvimento de competências correspondentes às áreas curriculares estipuladas para a educação pré-escolar.

São desenvolvidas diversas áreas aquando da leitura de histórias, tais como a área da Formação Pessoal e Social, na transmissão de valores, sentimentos, das noções das diferenças entre as pessoas, as raças, culturas, da importância de partilhar. Quanto à área da Linguagem Oral e Abordagem à Escrita, esta é transversal, visto ser desenvolvida uma diversidade de aspetos linguísticos salientando-se a capacidade de interação verbal, a consciência fonológica, o vocabulário e a manifestação de comportamentos emergentes de leitura e de escrita. Relativamente à área da Matemática, as histórias poderão estar relacionadas com padrões, números, as crianças deverão ser incentivadas à resolução de problemas e encorajamento à sua persistência. Muitas histórias apresentam sequências narrativas e pictóricas em que é possível trabalhar noções de sequência, contagem e combinações. Quanto à área do Conhecimento do Mundo, esta abrange o início das aprendizagens das diferentes ciências naturais e humanas, no sentido do desenvolvimento de competências para a

estruturação de um pensamento científico cada vez mais elaborado, que permita à criança compreender, interpretar, o mundo que a rodeia. Inúmeras narrativas são ricas neste aspeto, oferecendo à criança uma série de informações mais ou menos detalhadas sobre a realidade, por exemplo relacionadas com o processo de germinação, com o ciclo da vida, com os fenómenos atmosféricos ou com a vida dos animais.

Relativamente à área das Expressões, o domínio da expressão plástica é geralmente desenvolvido através da ilustração das histórias, da representação de vivências individuais, de personagens ou paisagens da preferência das crianças etc. O domínio da expressão musical é igualmente trabalhado quando a história solicita a entoação de uma música. por exemplo o caso da história “Os três porquinhos”, que maioria das crianças aprecia e inclui a canção: “Quem tem medo do lobo mau...”. O domínio da expressão dramática é trabalhado quando, para a dramatização, são utilizados fantoches, ou quando a história representada teatralmente.

Mas será que ao contar uma história se está apenas a desenvolver uma área de aprendizagem, ou estarão a desenvolver-se mais aprendizagens? Ao longo deste estudo, percebeu-se, através do trabalho desenvolvido com a exploração de uma só história, que as aprendizagens são múltiplas e permitem falar de *transversalidade*. Assim sendo, as atividades em torno das histórias devem ser concebidas de forma articulada, relacionando-se as abordagens das diferentes áreas de conteúdo e os domínios em cada uma delas, de modo a que se completem num procedimento articulado de aprendizagens que correspondam às intenções pedagógicas e que tenham, sentido para a criança (OCEPE,1997).

Em suma, a literatura infantil proporciona à criança um desenvolvimento emocional, social e cognitivo, desenvolvendo o interesse e o hábito pela leitura. Este processo pode começar muito cedo, em casa, aperfeiçoando-se na escola e que continuando pela vida inteira. Como refere Rigolet (2009), a literatura é uma arte que promove uma diversidade de experiências, permitindo que a complexidade da vida real seja retratada através do imaginário (p.152).

# CAPÍTULO 2

## 2. Problematização e metodologia

Segundo Pacheco (2006), toda a investigação tem por base um problema inicial que vai ficando mais complexo, em interligações consistentes com novos dados, até encontrar uma interpretação válida e coerente (p.13). Deste modo, é necessário que a investigação, o problema e os objetivos estejam bem delineados e interligados, para que os dados sejam válidos, a fim de encontrar uma resolução para o problema inicial.

### 2.1. Problema, objetivos e questão central do estudo

A origem desta investigação remete para a importância que as histórias infantis representam em contexto pré-escolar, uma vez que favorece uma diversidade de aprendizagens relacionadas com as diferentes áreas curriculares.

Em função desse pressuposto, o **objetivo principal** deste estudo foi verificar se contar histórias às crianças favorece o trabalho nas diversas áreas curriculares estipuladas para a educação pré-escolar. A partir dele, foram determinados os seguintes objetivos específicos: 1) Verificar quais as diferentes áreas curriculares desenvolvidas em cada história contada pela educadora; 2) Verificar as aprendizagens interiorizadas por parte das crianças após as histórias e as atividades desenvolvidas.

A partir do tema a ser investigado, e após um período de observação, pretendeu-se problematizá-lo. Assim, a **questão central do estudo** foi a seguinte: Contribuirão as histórias infantis, como elemento facilitador, para as aprendizagens das diferentes áreas curriculares estipuladas para a educação pré-escolar?

### 2.2. Paradigma

Sendo este um estudo de carácter qualitativo, a sua natureza subjetiva enquadra-se no paradigma interpretativo. Uma vez que procura compreender a realidade tendo em conta o ponto de vista dos participantes, assume características analíticas. Sendo de natureza descritiva, e de acordo com Bogdan & Biklen (1994), a investigação implicou que os dados fossem recolhidos através de notas de campo, transcrições de gravações (áudio) e outros documentos de registo escrito, sendo o instrumento principal da recolha o próprio investigador. Por outro lado este estudo tem uma natureza quantitativa na medida em que são analisados dados quantitativos, apresentados sob a forma de gráficos.

Pode considerar-se que as histórias infantis, em contexto de sala, ocupam parte do tempo curricular planejado, facilitando os processos de aprendizagens explícitas e intencionais. Os hábitos regulares de leitura, bem como a utilização habitual dos livros da biblioteca, servem como elemento facilitador da exploração de diferentes temas, dentro de todas as áreas curriculares previstas para o trabalho com alunos do nível pré-escolar em fim de ciclo, ou seja, junto de crianças com cinco anos.

Com a realização deste estudo observacional, e após ter definido a questão central do estudo, surgem as **questões de investigação**, que são as seguintes: 1) De que forma a leitura de livros (pelo adulto) permite às crianças uma maior compreensão, interpretação, orientação e integração no mundo que as rodeia? 2) De que forma a leitura e exploração de histórias desenvolvem a capacidade de expressão e comunicação? 3) Qual o contributo das histórias no desenvolvimento de experiências de vida em grupo (partilha e cooperação)?

### **2.3. Design do estudo**

Este estudo é observacional, tendo como característica principal o facto de não existir manipulação nos intervenientes, pelo que o investigador se limita a observar o que se propôs no início do estudo. Este estudo tem ainda como característica não ser possível determinar quais os indivíduos que estarão presentes ou ausentes nos dias das observações. Os dados recolhidos são, pois, qualitativos. Estes dados são descritivos, contêm fenómenos referentes a pessoas, lugares e conversas. (Bogdan e Bilken, 1994, p.16).

No âmbito deste tipo de estudo de investigação, procura-se compreender as complexidades das inter-relações dos acontecimentos na vida real. Este tipo de investigação permite a reflexão sobre a eficácia pessoal e a sua melhoria, pois tal como referem Bogdan e Biklen (1994), os investigadores dos estudos qualitativos têm maior interesse pelo processo em si do que pelo resultado (p.49).

### **2.4. Participantes**

Os participantes deste estudo foram um grupo de crianças do ensino pré-escolar da faixa etária dos cinco anos, constituído por vinte e três crianças, sendo oito do sexo feminino e quinze do sexo masculino, completando cinco anos de idade até ao final do mês de Dezembro de 2014, à exceção de duas crianças.

O grupo apresentava um bom desenvolvimento, nos níveis psicomotor, cognitivo e emocional. Revelava ser um grupo bastante dinâmico, participativo, que demonstrava gosto e interesse em aprender.

Relativamente à linguagem, ao observar o grupo verificava-se que era capaz de formular uma narrativa completa, com um discurso compreensível. Neste grupo estavam presentes casos de crianças com necessidades educativas especiais, uma das quais estava a ser acompanhada por um terapeuta da fala. O grupo incluía uma criança com Plano Educativo Individual (PEI), apresentando um adiamento escolar consequente de dificuldades de aprendizagem.

Verificava-se ainda que o grupo gostava de participar em todas as atividades propostas, empenhando-se ainda mais quando as tarefas eram individualizadas, tais como as tarefas realizadas todas as manhãs, a data, o tempo, a marcação de presenças, e o calendário. Todos os dias para essas tarefas eram estipuladas seis crianças, consoante uma lista com os seus nomes, assim verificava-se diariamente o nível de aprendizagem em que cada uma se encontrava e onde seria necessário ajudá-las mais.

Em seguida, refere-se o nível de desenvolvimento em que se encontrava o grupo em cada área, tendo em conta as metas curriculares para a educação pré-escolar e na sequência das observações realizadas.

**Conhecimento do Mundo:** Relativamente a esta área, na sua maioria as crianças apresentavam uma diversidade de competências, embora ainda houvesse algumas com dificuldades ao nível das noções espaciais. Revelavam ter feito inúmeras aprendizagens das diferentes ciências naturais e humanas, no sentido do desenvolvimento de competências essenciais para a estruturação de um pensamento científico cada vez mais elaborado, que permitia a cada uma compreender, interpretar, orientar-se e integrar-se no mundo circundante.

**Expressões:** Estas áreas eram muito trabalhadas no dia-a-dia deste grupo, visto que todas as manhãs faziam desenhos, todas as terças-feiras tinham expressão dramática, às quartas-feiras ginástica e muitas vezes cantavam, ainda que espontaneamente. Relativamente à expressão motora, ainda se podiam observar algumas dificuldades ao nível do equilíbrio.

**Formação Pessoal e Social:** Sendo uma área transversal, era trabalhada constantemente e inconscientemente, o que se refletia numa ida à casa de banho, num comportamento de ajuda para com os colegas, entre outros. Neste âmbito, as crianças desenvolveram diversas aprendizagens de atitudes e valores que lhes permitirão tornar-se cidadãos solidários e críticos. Estas crianças demonstraram ser autónomas, embora ainda houvesse algumas dificuldades relativamente à sua postura à mesa, durante as atividades e às refeições.

**Linguagem Oral e Abordagem à Escrita:** Nas metas curriculares pretende-se que as crianças mobilizem um conjunto de conhecimentos linguísticos determinantes na aprendizagem da linguagem escrita e no sucesso escolar. Pela sua importância, salientam-se a capacidade de interação verbal, a consciência fonológica e a manifestação de comportamentos emergentes de leitura e de escrita. Esta área era muito estimulada tanto pela educadora como pelo restante corpo docente, visto todas as segundas-feiras estar presente uma professora do ciclo integrada no projeto de coadjuvação nesta área (LOAE), entre o pré-escolar e o 1.º ciclo, que trazia propostas de trabalho ou atividades dentro da área, com vista a facilitar esta aprendizagem e possibilitar melhores aprendizagens aquando da integração destes grupos no 1.º ciclo.

**Matemática:** Relativamente ao conceito de número, este grupo apresentava já alguma destreza mental. Interessavam-se pelos números e gostavam de realizar operações simples com material concreto, como jogos didáticos do seu dia-a-dia em sala. Não se verificava em todas as crianças, sendo por isso um aspeto que mereceu consideração no decorrer das observações. É importante salientar que todas as quintas-feiras este grupo ia ao clube da matemática, onde desenvolvia competências relacionadas com diferentes conceitos matemáticos ao longo do ano.

**Tecnologias da Informação e Comunicação:** Constitui-se antes como um quadro de referência que permite clarificar e situar as aprendizagens que asseguram à criança condições para abordar com sucesso a etapa seguinte. Esta área era estimulada, sendo que todas as segundas-feiras o grupo realizava diversas atividades individualmente ou a pares na ludoteca.

Outro participante neste estudo foi a educadora da sala. Esta acompanhava o grupo desde a entrada das crianças em creche, mais precisamente na sala de um ano. Existia uma relação de respeito e afetividade entre a educadora e as crianças do grupo. Segundo as OCEPE (1997), a relação individualizada que o educador estabelece com cada criança facilita a sua inserção no grupo e as relações com as outras crianças. Esta relação implica a criação de um ambiente tranquilo e seguro que cada criança conhece e onde se sente valorizada.

## 2.5. Instrumentos de recolha de dados

No decorrer de um período de **observação direta** realizada no âmbito da Prática de Ensino Supervisionada, surgiu o tema de estudo, cujo objetivo principal era perceber se as histórias narradas às crianças permitem desenvolver diversas aprendizagens.

Para iniciar o processo de recolha de dados, foi necessário recorrer novamente ao método da observação. Esta permite a qualquer observador recolher informações em contexto real, analisando-as para uma futura intervenção, sempre com o intuito de promover novas e diversas aprendizagens, tendo em conta as necessidades do grupo em estudo (Estrela, 1994). Foi ainda privilegiada a participação das crianças, optando-se pela utilização das notas de campo para registar produções orais das crianças, uma vez que o registo fotográfico e as gravações vocais não foram autorizados por parte dos pais.

Reforçando a ideia de Estrela (1994), Quivy & Campenhoudt (2005) entendem que a observação é uma etapa intermédia entre a construção de conceitos e das hipóteses a serem definidas e a análise dos dados utilizados para as testar. Assim sendo, a observação é a fase principal em qualquer investigação, devendo ser realizada antes de se colocarem as ideias em prática.

Como foi referido, ao longo das observações foram realizadas as notas de campo para que a informação observada ficasse registada. Estas foram um recurso importante, uma vez que nelas se encontram um registo detalhado e descritivo sobre o tema em investigação. Segundo Bogdan e Biklen (1994), as notas de campo são consideradas um descritivo de tudo o que o investigador ouve, vê e experiencia. Visto ser este um estudo observacional, estas são de facto fundamentais. Constam ainda nas notas de campo as produções orais das crianças. Estas são igualmente importantes de registar, visto ser

necessária no processo de investigação a integração e compreensão do trabalho desenvolvido no âmbito das atividades em torno das histórias apresentadas pela educadora.

As *check-lists* foram igualmente um elemento fulcral, que permitiu a clara identificação de áreas desenvolvidas em cada história (anexo 1).

A entrevista à educadora (guião no anexo 2) caracterizou-se por ser semiestruturada, uma vez que se desenrolou a partir de um esquema básico permitindo que o entrevistador fizesse as adaptações necessárias ao longo da mesma, sempre que achou necessário (Roegiers, 1986, p.34).

No caso concreto deste estudo, a escolha da entrevista semiestruturada deveu-se ao facto de, consoante as respostas dadas pela educadora, poder ser conveniente alterar as questões, a fim de obter informações mais relevantes para o estudo em questão, de acordo com os objetivos definidos. Esta entrevista foi realizada no gabinete do edifício. Para Manzini (1990) a entrevista semiestruturada permite obter informações através de um método com poucas limitações ao longo do processo de investigação, facilitando a recolha de informações, sendo assim um tipo de entrevista moldável, relativamente ao modelo de questões definitivas, previamente estabelecidas.

Visto tratar-se de crianças em idade pré-escolar, é importante referir que lhes foi aplicado um questionário (anexo 3) com vista a perceber o seu gosto e interesse sobre as histórias infantis que lhes eram contadas ao longo do ano. Cada questionário foi realizado em espaços designados pelas crianças, a fim de as mesmas se sentirem mais à vontade para responder às perguntas.

Segundo Quivy & Campenhoudt (2005), um questionário consiste em colocar um conjunto de questões aos inquiridos referentes à sua opinião, a determinadas situações pessoais ou sociais, às suas expectativas e ao seu nível de conhecimento sobre o assunto a ser tratado. O questionário utilizado foi baseado em perguntas escritas, formuladas de acordo com objetivos específicos e foi usado como alternativa à entrevista. Foi igualmente útil para obter informação qualitativa e opiniões relativamente simples.

Era constituído por dois tipos de respostas: fechadas e abertas. Esta escolha justificou-se na medida em que, tratando-se de crianças pequenas, se houvesse apenas respostas de um tipo o questionário poderia tornar-se maçador e desmotivante para algumas delas.

As perguntas de resposta fechada permitiam que os inquiridos se limitassem a responder a uma ou mais opções, conforme o que lhes era pedido e o que se adequava à sua opinião. Tinham ainda como vantagem o facto de facilitarem a comparação e o controlo das respostas ao questionário, sendo também o tempo de resposta mais curto, não permitindo a solicitação de detalhes, por parte dos inquiridos, sobre essas questões. Por sua vez, as respostas abertas permitiram a cada inquirido exprimir a sua opinião por palavras próprias e de forma espontânea, proporcionando ainda uma grande riqueza de detalhes, o que tornou os resultados mais interessantes para a entrevistadora / investigadora. Ao longo da realização dos questionários não foram encontradas desvantagens relativamente às questões abertas.

### **2.5.1. Recolha de dados**

Os dados obtidos através dos instrumentos acima referidos foram todos registados sob a forma escrita.

As observações e registos relativas às áreas trabalhadas a partir das narrativas ouvidas dizem respeito a um total de nove momentos de observação. O primeiro durou aproximadamente vinte minutos e realizou-se no dia 31 de março de 2015, sendo observada a narração da história “O burro vestido com a pele de um leão”. A segunda observação durou aproximadamente duas horas (com narração e atividade), realizou-se no dia 8 de abril e baseou-se na história: “Palavras pequeninas”. A terceira observação durou aproximadamente duas horas e foi realizada no dia 15 de abril, com base na história “Todos no sofá”. A quarta observação durou aproximadamente vinte e cinco minutos e foi realizada no dia 22 de abril, com base na história “O Príncipe de Veneza” (sem qualquer apoio documental ou informático). A quinta observação durou aproximadamente vinte minutos, realizou-se no dia 29 de abril e teve como foco a história “Mamã maravilha”. A sexta observação durou aproximadamente trinta e cinco minutos, foi efetuada no dia 6 de maio e baseou-se na história “As cores do arco-íris”. A sétima observação durou aproximadamente quarenta minutos e foi realizada no dia 13 de maio, com a narração da história “O Pássaro da Alma”. A oitava observação durou aproximadamente vinte minutos, realizou-se no dia 20 de maio e focou-se na narração da história “Ainda nada”. A nona e última observação durou aproximadamente vinte minutos e realizou-se no dia 27 de maio, com base na narração da história “Desculpa”.

Relativamente à entrevista à educadora, seguiu-se a ideia de Bogdan e Biklen (1994), que explicam que, no início da entrevista, se deve informar o entrevistado do objetivo da mesma e garantir a confidencialidade. Em seguida foi pedido à entrevistada que expressasse livremente a sua opinião em relação ao tema em questão, após o que esta preferiu passar diretamente às questões. Assim sendo, iniciaram-se as perguntas de acordo com o guião orientador. No decurso da entrevista, procurou-se não alongar muito o tempo para evitar o cansaço e a desmotivação.

Relativamente ao questionário aplicado às crianças, este sucedeu em dias diferentes, sendo em grande parte dos casos realizado no espaço de recreio ou na sala de atividades. Por se tratar de crianças, os locais foram sugeridos por elas próprias, tendo algumas referido que gostariam que fosse nestes dois locais, pois gostavam de lá estar.

Após esta recolha de informação, procedeu-se a uma reflexão sobre as respostas dadas pela educadora e pelas crianças, analisando-se também todos os dados recolhidos através das observações, *check-lists*, entrevista e questionários. Foram ainda feitas comparações entre as respostas dadas pelas crianças e as da educadora.

## **2.6. Tratamento e análise de dados**

Tal como foi referido anteriormente, a recolha dos dados, deve ir ao encontro aos objetivos estruturados inicialmente. Segundo Bardin (1997), a investigação necessita ser tratada para que se possa selecionar e simplificar a informação recolhida, a fim de organizá-la de modo a obter dados que permitam realizar interpretações concretas dos resultados para a conclusão do estudo.

Bogdan e Biklen (1994) referem que a análise de dados é um processo de organização de uma diversidade de materiais que, procura sistematizar todas as informações recolhidas através de instrumentos como as notas de campo e as transcrições das entrevistas (p. 205). O objetivo é apresentar de forma clara aos outros os materiais recolhidos em fases anteriores.

Após a recolha de dados procedeu-se à transcrição da entrevista, neste passo foi necessário recorrer a grelhas de transcrição, por forma a facilitar a sua fidedignidade, de maneira a legitimar a análise e interpretação dos dados para a obtenção de conclusões.

Após a transcrição, todo o material foi sujeito a uma análise de conteúdo, que permitiu identificar as grandes categorias de análise que foram confirmadas através da sua leitura. A passagem do discurso oral para o escrito não implicou qualquer alteração, de forma a respeitar o discurso do entrevistado.

Para tratamento e análise de dados, houve necessidade de recorrer ao programa Microsoft Excel. Com a ajuda deste programa foram inseridos dados para representar graficamente algumas informações recolhidas ao longo das observações realizadas às narrações das histórias e às respostas ao questionário realizado às crianças.

## 2.7. Proposta de intervenção

Neste ponto é apresentada a proposta que se poderia ter realizado como atividades desenvolvidas no seguimento do tema sobre as histórias infantis, caso surgisse uma oportunidade de intervenção em contexto de sala. Não houve oportunidade de intervenção, visto a investigadora trabalhar na instituição onde se realizou a mesma, sendo necessária a sua ajuda noutras salas.

Como lançamento de uma proposta de intervenção realizar-se-ia inicialmente uma **conversa em grande grupo**. Nesta conversa seria solicitada a participação e colaboração de todos os elementos do grupo, dando-se importância à **partilha de ideias**. Ao longo do processo, considerar-se-ia o envolvimento de todas as crianças como um elemento fundamental para uma boa organização e participação nas atividades.

O que se pretendia ao longo desta conversa seria que as crianças aprendessem a escutar-se a si próprias e que descobrissem o que mais as motiva, para que fosse desenvolvido um processo de aprendizagem partindo dos seus interesses. Seria considerado que dar atenção às crianças estimula o seu pensamento crítico e a sua iniciativa, bem como o seu poder de ação e de reflexão.

Procurar-se-ia explorar, de forma integrada, as diferentes áreas curriculares, criando uma dinâmica contínua e lógica no que diz respeito ao processo de aprendizagem das crianças. Deste modo, procurar-se-ia igualmente estimular e desafiar as crianças, de forma a promover as suas iniciativas e apoiar o desenvolvimento das suas ideias e dos seus trabalhos. Sendo assim, os adultos deveriam apoiar as ideias das crianças incentivando-as a fazerem escolhas, tal como referem Hohmann e Weikart (2011), “num clima de apoio, os adultos esforçam-se por acompanhar e estimular as

iniciativas da criança de forma a que ela ganhe um sentido de autocontrolo e de competência ao fazer escolhas e ao tomar decisões” (p. 76).

Após ter designado oportunidades para favorecer a autonomia das crianças, ao longo da reunião em grande grupo seria discutida a reorganização do espaço da biblioteca para poder torná-la mais rica e acessível. Poderiam ainda ser **criadas etiquetas** para os livros, identificando-as com cores, desenhos ou números. Poderá assim dizer-se que uma boa organização do espaço, com significado, como a que poderia ser criada, contribuiria para desenvolver a iniciativa e autonomia nas crianças, levando-as a ter experiências de aprendizagem.

No decorrer da conversa, seria criado, em conjunto com as crianças, um **placard** sobre alguns assuntos que lhes despertassem o interesse, criando-se assim uma lista sobre os interesses das crianças, seguindo da questão: **“O que queremos saber?”**.

É importante ter em conta os momentos de partilha, visto ocorrerem diversas ideias através da comunicação com os outros. Por vezes, os seus interesses pessoais poderão ser igualmente os interesses dos outros e, é através dessa partilha que isso poderá ser compreendido por outras crianças. Reforçando a ideia anterior, Hohmann e Weikart (2011) defendem que “os seus interesses pessoais e as suas questões e intenções levam à exploração, experimentação e construção de novos conhecimentos e compreensões” (p.23).

Após a criação do placard, seria estipulado que, duas vezes por semana, consoante o trabalho desenvolvido em cada história, seria escolhida **uma criança** segundo uma listagem dos nomes para **escolher um livro** a ser trabalhado, desenvolvendo-se atividades para a construção de novas aprendizagens. A escolha do livro necessitaria de algum cuidado, neste caso limitar-se-ia a escolha da criança. O livro deveria versar um tema que fosse do agrado de todas as crianças, devendo ainda estar adequado à sua faixa etária. Segundo Mata (2008), deverão ter-se em conta as imagens, sendo que inicialmente devem escolher-se livros com pouco texto. À medida que as crianças avançam na leitura, deverão escolher-se livros com mais texto, para ouvir, ler e para descobrir sílabas, palavras e frases.

Poder-se-ia igualmente **eleger um responsável** diário para organizar a biblioteca, o qual iria verificar se estaria tudo nos seus respetivos lugares. Segundo as

OCEPE (1997), “favorecer a autonomia das crianças e do grupo assenta na aquisição do saber fazer indispensável à sua independência e necessário a uma maior autonomia, enquanto oportunidade de escolha e responsabilização” (p. 53). Ao longo do tempo as crianças iriam assim desenvolvendo a sua autonomia e aprendendo a tomar decisões de acordo com as suas necessidades e preferências.

Por fim, no seguimento destas atividades anteriormente referidas, seria escolhida todas as semanas uma das crianças (em regime rotativo), para **levarem para casa um livro da sua preferência**. Seria uma forma de envolver as famílias nas atividades realizadas em sala, visto que hoje em dia é cada vez menos possível os pais estarem presentes nas escolas. Seriam estipuladas, em conjunto com as crianças, as histórias a serem levadas para casa, para na semana seguinte cada criança expor o seu livro ao restante grupo.

Em suma, e reforçando as ideias anteriores, Rodrigues (2014) refere que a introdução de uma história na sala de atividades não deve ser somente feita pelo adulto, pois deverá ser possível a criança aceder-lhes diariamente, tal como aos restantes materiais educativos. Assim, cabe ao educador, em conjunto com o grupo, organizar um espaço destinado à área da leitura ou da biblioteca, que deverá dispor de uma variedade de livros. É importante referir que qualquer área deverá ser organizada em conjunto com as crianças, pois estas dar-lhes-ão mais importância / interesse.

# CAPÍTULO 3

### 3. Resultados

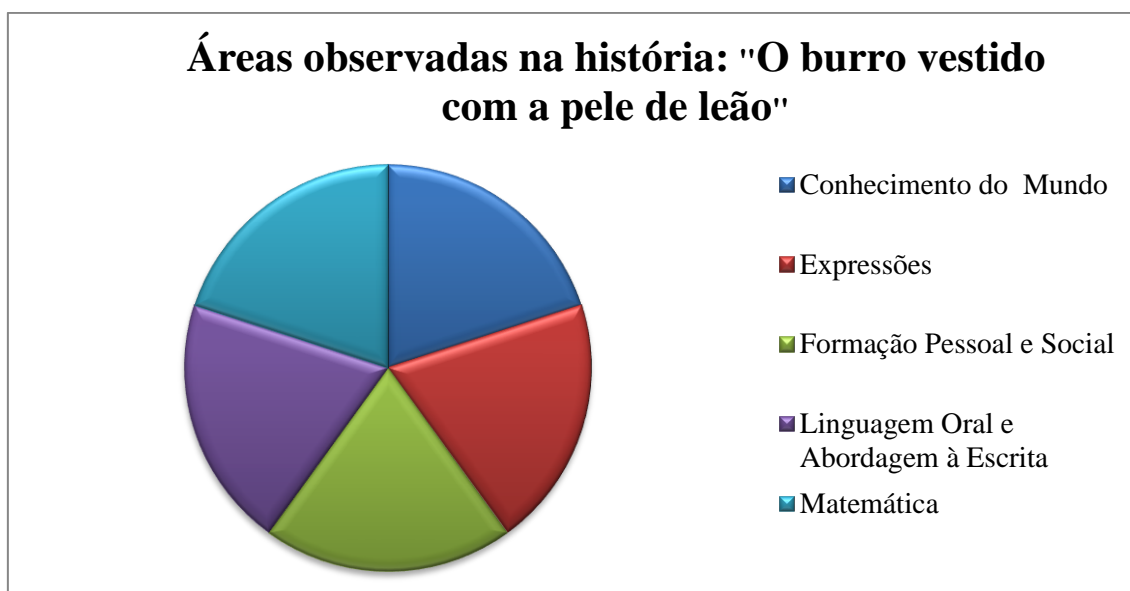
#### 3.1. Apresentação e discussão dos resultados

Após o trabalho da transcrição da entrevista realizada à educadora e a análise das respostas ao questionário aplicado às crianças, procedeu-se a uma sistematização dos dados recolhidos através de gráficos de barras e circulares, que facilitam a sua compreensão por parte dos leitores.

Abaixo são apresentados os dados obtidos, tendo como estrutura uma sequência do trabalho desenvolvido ao longo da investigação, sendo que os primeiros dados a serem apresentados referem-se às observações realizadas às narrações das histórias e ao seguimento das atividades. De seguida são apresentados os dados da entrevista realizada à educadora e por fim são apresentados os dados obtidos a partir do questionário aplicado às crianças.

##### 3.1.1. Observações das narrativas e respetivas atividades

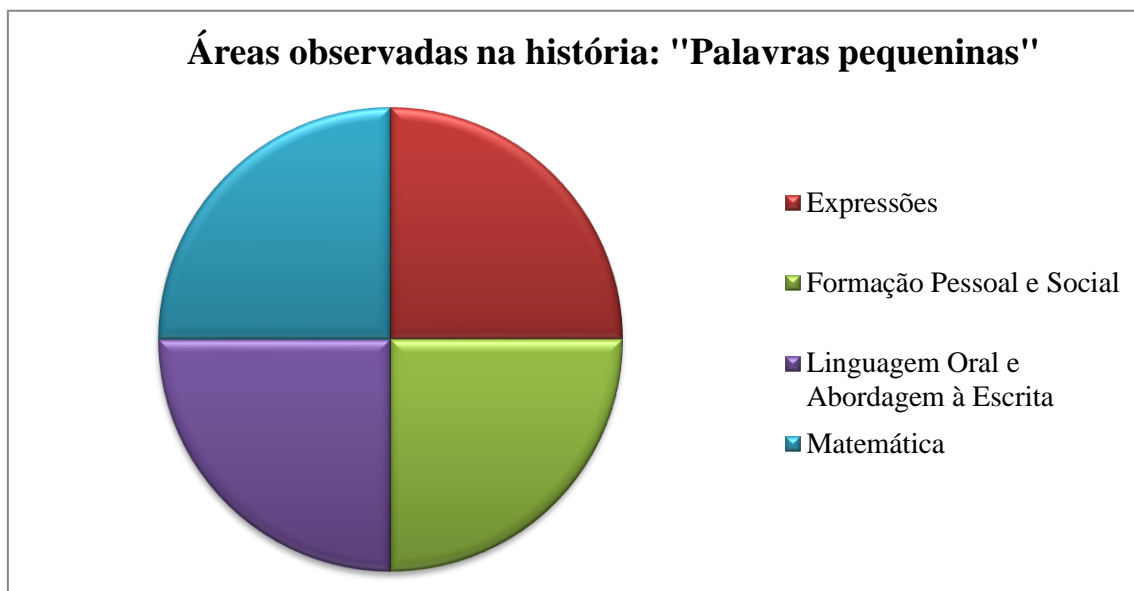
Os gráficos que se seguem estão relacionados com o **objetivo principal** do estudo, que pretendia verificar se contar histórias favorece o trabalho nas diversas áreas curriculares estipuladas para a educação pré-escolar. Em cada gráfico podem verificar-se as áreas desenvolvidas a partir de cada história.



*Figura 1 - Áreas observadas na história "O burro vestido com a pele de leão"*

No gráfico da figura 1, pode-se verificar que, na abordagem da história "O Burro Vestido com a Pele de Leão", a única área não trabalhada foi a área das Tecnologias da Informação. Como se pode ainda constatar, através de uma única história foram

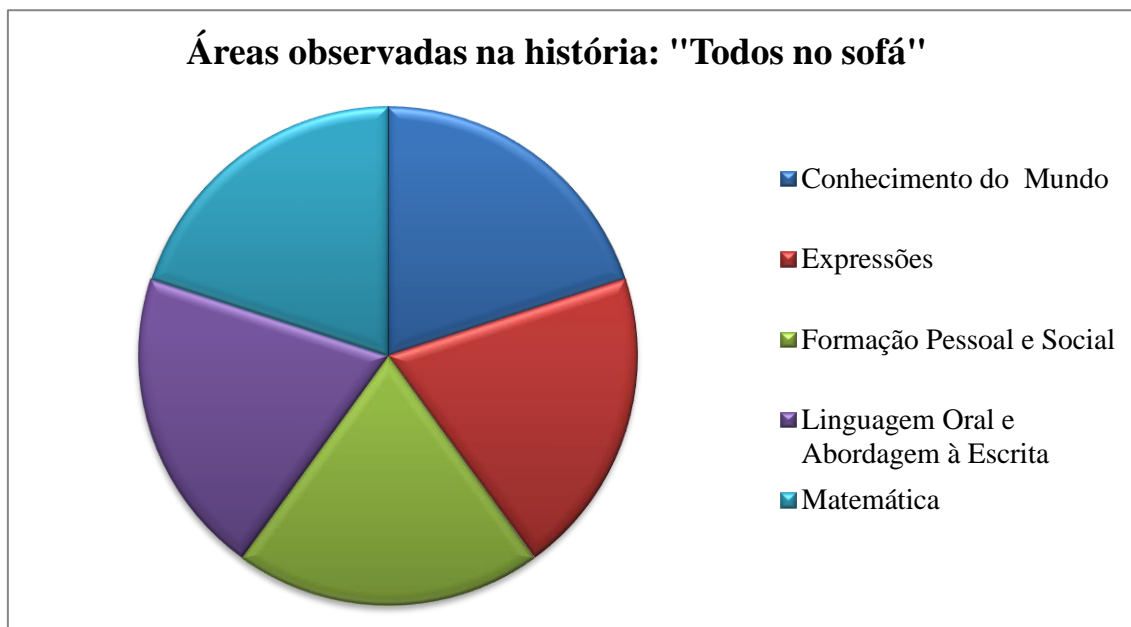
desenvolvidas quatro das áreas curriculares. No que diz respeito à área das Expressões, esta foi desenvolvida após a narração, sendo que as crianças fizeram um desenho. Relativamente à área da Linguagem Oral e Abordagem à Escrita, esta foi desenvolvida ao longo da história, com a participação das crianças na sua narração, tanto como no conto, que foi efetuado posteriormente. A área da Formação Pessoal e Social foi trabalhada ao longo da história uma vez que a educadora foi questionando as crianças sobre a mesma, convidando-as a relacionar as atitudes e comportamentos dos animais e a dar a sua opinião de uma forma crítica. Esta área foi igualmente desenvolvida na atividade posterior, em que algumas crianças ajudaram os colegas a enunciar algumas características dos animais abordados na história. As áreas da Matemática e do Conhecimento do Mundo foram trabalhadas na medida em que os alunos referiram as características dos animais, com o número de patas, a cor do pelo, etc.



*Figura 2 - Áreas observadas na história "Palavras Pequenas"*

Como se pode observar na figura 2, ao longo da história "Palavras Pequenas" e da atividade realizada em seguida foram desenvolvidas quatro áreas. No que diz respeito à área da Formação Pessoal e Social, houve cooperação e entreajuda ao longo da atividade realizada. Relativamente à área da Linguagem Oral e Abordagem à Escrita, esta foi desenvolvida ao longo da história, no conto e na atividade realizada, em que as crianças relembrouam quais as palavras "pequenas" que surgiram ao longo da narração, ajudando na sua grafia. Esta ajuda consistia no facto de as crianças dizerem as letras de cada palavra encontrada. As áreas da Matemática e das Expressões estiveram

igualmente relacionadas com a atividade, pois, após terem escrito as palavras, as crianças contaram as letras que as compunham e realizaram o desenho dessas mesmas palavras. O desenho consistia em, após terem escrito as palavras numa folha branca, as crianças representaram em frente a essas mesmas palavras o desenho da realidade designada.



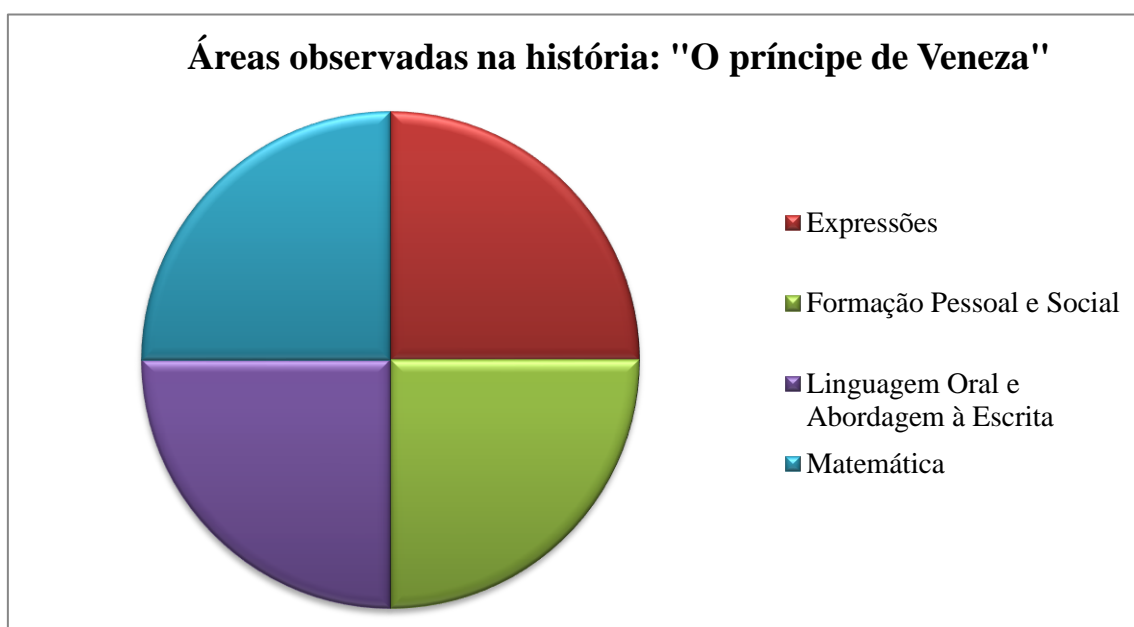
*Figura 3 - Áreas observadas na história: "Todos no sofá"*

Como se pode constatar observando a figura 3, após a observação das atividades realizadas em torno da história “Todos no Sofá”, as áreas abordadas foram o Conhecimento do Mundo (referente às características dos animais), as áreas das Expressões e da Formação Pessoal e Social, no que diz respeito à atividade de desenhos / expressão plástica, realizada em pequenos grupos após a narração, a área da Linguagem Oral e Abordagem à Escrita, que é sempre desenvolvida ao longo das histórias com a participação das crianças, e a área da Matemática, que foi trabalhada em três contextos: o primeiro ao longo da história, na contagem regressiva das personagens, o segundo, durante a conversa em grupo sobre as características dos animais (cor, número de patas), o terceiro, nas contagens regressivas e progressivas realizadas com a utilização das personagens, elaboradas pelas crianças em pequenos grupos, tal como podemos observar na fotografia abaixo (figura 4).



*Figura 4 – Personagens da história: “Todos no sofá”*

Neste âmbito, é importante dar valor ao trabalho em pequenos grupos, pois é através dele que surgem muitas vezes novas ideias. Tal como referem Hohmann e Weikart (2011), “o tempo de trabalho em pequeno grupo (...) proporciona às crianças ocasiões para usarem materiais, fazerem experiências com eles, falarem sobre as suas descobertas e solucionarem problemas que encontram” (p. 371).

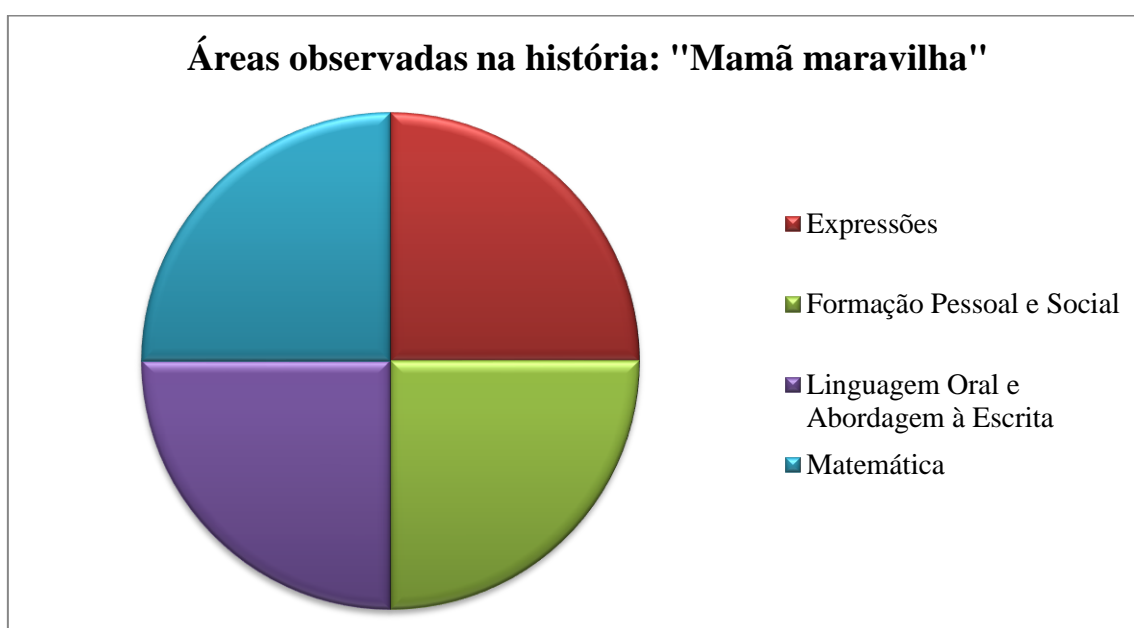


*Figura 5 - Áreas observadas na história: "O Príncipe de Veneza"*

Tal como se verifica na figura 5, a propósito da história “O Príncipe de Veneza” foram desenvolvidas as áreas da Formação Pessoal e Social e da Linguagem Oral e Abordagem à Escrita, uma vez que as crianças desenvolveram a cooperação, no que diz respeito à contribuição para o funcionamento e aprendizagens do grupo, dando oportunidade aos outros de intervirem nas conversas ao esperarem pela sua vez para

poder intervir e partilhar os seus conhecimentos e ideias sobre as características dos príncipes e princesas. A área da Matemática foi desenvolvida após a história no momento do reconto e da ilustração da mesma, uma vez que esta atividade envolveu a contagem das personagens existentes.

Relativamente à área das Expressões, após a narração da história as crianças realizaram um desenho sobre a mesma. É importante referir que esta história foi narrada pela educadora sem qualquer apoio de livros, fantoches ou apoio informático, fazendo com que as crianças precisassem de desenvolver a sua imaginação e de estar mais atentas do que o habitual, para poderem desenhar os pormenores mais relevantes.



*Figura 6 - Áreas observadas na história: "Mamã maravilha"*

Ao observar a figura 6, constata-se que, durante o conto e as atividades relativas à história "Mamã Maravilha", a área das Expressões está novamente presente no contexto da atividade de expressão plástica (desenho da história). Relativamente à área da Formação Pessoal e Social e à área da Linguagem Oral e Abordagem à Escrita, estas salientam-se na conversa em grupo, em que as crianças foram partilhando vivências e criando ligações entre a história e o seu próprio mundo, no que toca às características que vão surgindo ao longo da história e que elas identificavam nas suas próprias mães. A área da Matemática surgiu na atividade após a narração, na qual foi relembrado o número de qualidades enunciadas ao longo da história.

### Áreas observadas na história: "As cores do arco íris"

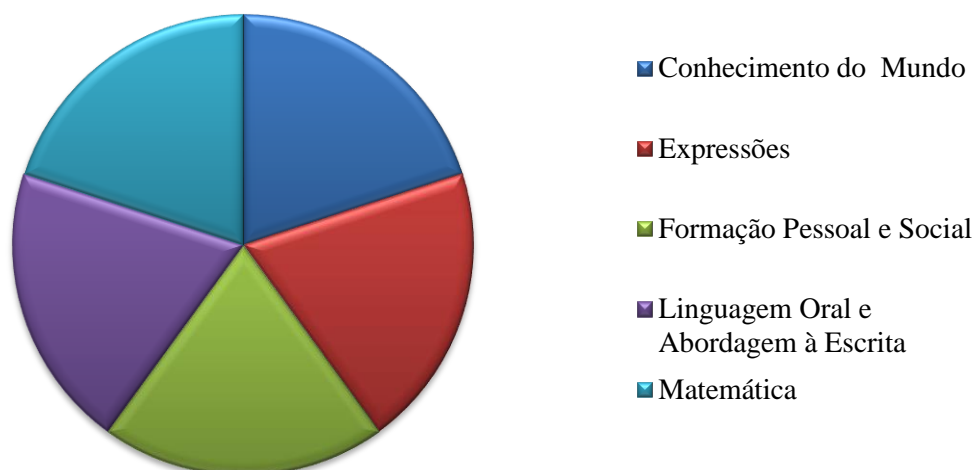


Figura 7 - Áreas observadas na história: "As cores do arco íris"

Na figura 7, relativa à história "As cores do arco-íris", pode verificar-se que tanto a área das Expressões e a área da Formação Pessoal e Social como a área da Linguagem Oral e Abordagem à Escrita estão presentes, tal como constam em todos os gráficos anteriores, mantendo a mesma função. Quanto à área do Conhecimento do Mundo, esta refletiu-se no decorrer da história visto que, ao longo da mesma, constam personagens de diferentes países. A área da Matemática esteve igualmente presente, na contagem das personagens de diferentes países, tal como no decorrer da atividade posterior, durante a qual foi confeccionado um bolo "arco-íris", que envolveu a contagens das quantidades dos diversos ingredientes.

### Áreas observadas na história: "O pássaro da alma"

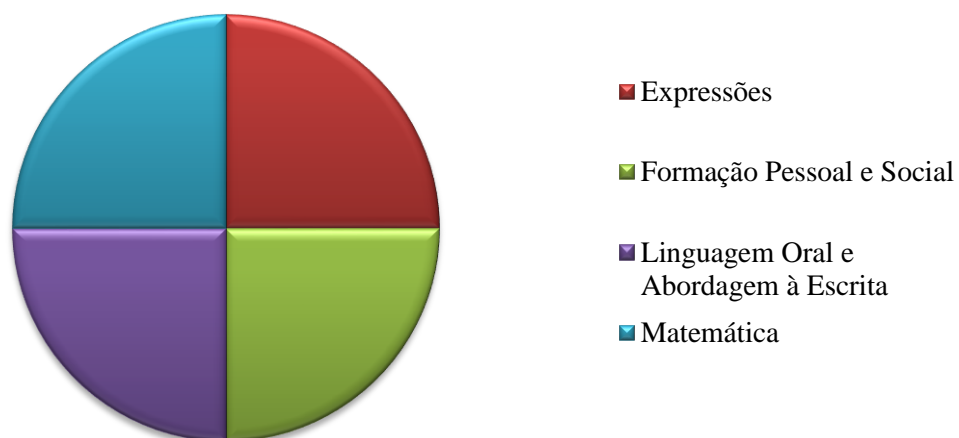


Figura 8 - Áreas observadas na história: "O pássaro da alma"

Como se pode verificar na figura 8, na abordagem da história “O Pássaro da Alma”, foram trabalhadas quatro áreas em idêntica proporção. A área da Matemática foi trabalhada no decorrer da história e da atividade posterior, para contar o número de emoções que constavam da narrativa. Relativamente à área da Linguagem Oral e Abordagem à Escrita, esta refletiu-se um pouco mais, visto as crianças terem identificado e expressado verbal e facialmente as emoções que iam surgindo. No que diz respeito à área das Expressões esta salienta-se novamente pelo desenho realizado pelas crianças e a área da Formação Pessoal e Social esteve presente, tal como nas atividades anteriores, mantendo a mesma função, relacionada com a partilha de vivências e a criação de ligações entre a história e o mundo que rodeia as crianças.



*Figura 9 - Áreas observadas na história: "Ainda nada?"*

A figura 9 ilustra como, na abordagem da história “Ainda Nada?”, as áreas das Expressões, da Formação Pessoal e Social e da Linguagem Oral e Abordagem à Escrita foram igualmente desenvolvidas. É importante salientar que esta história foi narrada com a utilização do projetor *datashow* e foi contada com o intuito de sensibilizar as crianças para a calma e dedicação que devem ter para com as plantas da sala. Assim sendo, foi desenvolvida a área do Conhecimento do Mundo, bem como a da Matemática, no que diz respeito à medição e comparação de tamanhos das plantas.



*Figura 10 - Áreas observadas na história: "Desculpa"*

Como se pode verificar ao observar a figura 10, na abordagem da história “Desculpa”, as únicas áreas desenvolvidas foram a Formação Pessoal e Social e a Linguagem Oral e Abordagem à Escrita. Não foi dado seguimento à história com a realização de nenhuma atividade, devido ao facto de que, após a leitura da mesma, as crianças seguiram para o ensaio da festa de final de ano.

Poderá ainda dizer-se que, ao longo das observações realizadas às atividades relacionadas com as histórias narradas pela educadora, estiveram subjacentes duas das **questões de investigação** colocadas no início do estudo, estando elas relacionadas com o desenvolvimento da capacidade de expressão e comunicação e com o desenvolvimento das experiências de vida de grupo proporcionadas pelas histórias. Além da observação realizada tendo por base estas questões, foram igualmente registadas as intervenções por parte das crianças.

Assim sendo, a leitura das histórias desenvolveu nas crianças competências em diversas áreas de conteúdo. Segundo Silva (2008), ao escutar uma história, a criança cria o seu próprio conhecimento e, através deste ato, ela descobre que também poderá ser autora de uma narrativa. Ao longo do processo de observação, chegou-se à conclusão de que o trabalho que é desenvolvido pela educadora da sala proporciona ao grupo um desenvolvimento global, dando lugar a um desenvolvimento de competências e conhecimentos em todas as áreas de aprendizagens estipuladas nas metas curriculares para a educação pré-escolar.

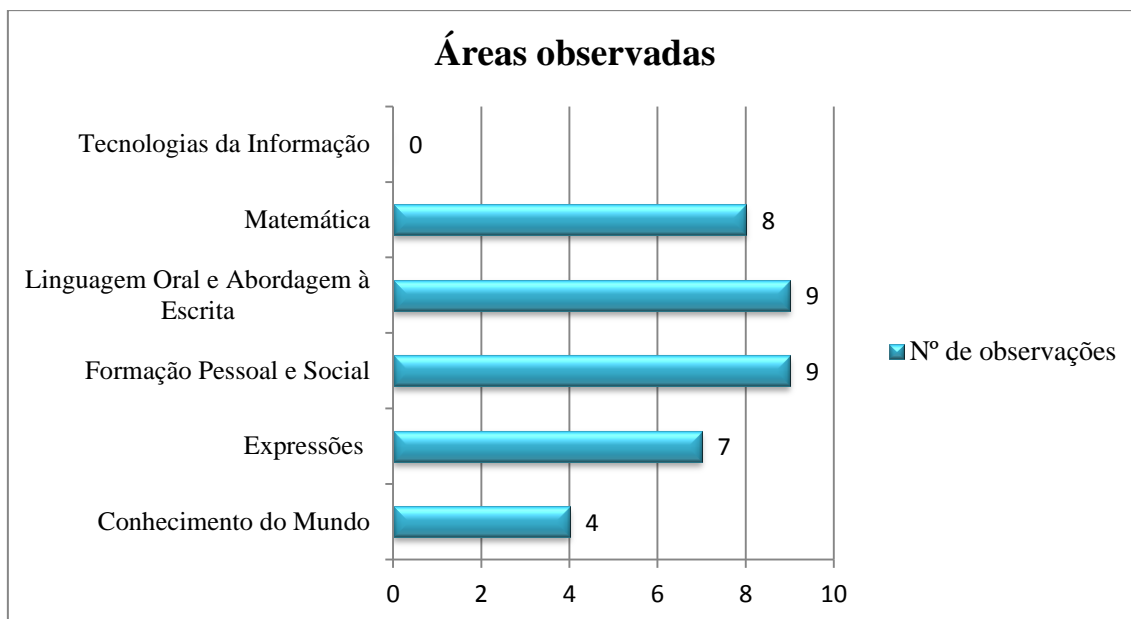
No que diz respeito às observações realizadas na sala de atividades, no decorrer das narrações das histórias foram desenvolvidos alguns objetivos previstos nas OCEPE, no que diz respeito à área da Linguagem Oral e Abordagem à Escrita, nomeadamente a partilha oral de vivências; a aquisição de novo vocabulário, bem como a capacidade de participar e manter um diálogo (p.67).

As atividades apresentadas nesta sequência pedagógica permitiram fazer um balanço bastante positivo. É de salientar que proporcionaram abordagens em diferentes contextos na sala de pré-escolar, na medida em que se recorreu tanto à leitura de livros como à apresentação por meio do projetor *datashow*, e até mesmo à narração sem qualquer apoio. A exploração das histórias enriqueceu a narração, criando momentos de concentração e reflexão por partes das crianças sobre as narrativas e as características e atitudes das personagens. A narração sem qualquer suporte ou apoio, em particular, requereu por parte das crianças um maior foco de atenção e concentração, para conseguirem perceber o desenrolar da história.

Relativamente à área das Tecnologias de Informação e Comunicação, constata-se, ao observar a *check-list* (anexo 1) e os gráficos acima, referentes às áreas desenvolvidas ao longo de cada história, que esta foi a única área não trabalhada. Isto justifica-se na medida em que, segundo informação fornecida pela educadora, foi estipulado que esta área seria desenvolvida numa sala específica da instituição, onde se encontram diversos computadores para o uso das crianças com a supervisão dos adultos.

Ainda no que respeita à *check-list*, verificamos que, na área das Expressões, o domínio mais trabalhado com as crianças em sala de atividades foi o domínio da expressão plástica, embora os domínios da expressão dramática e musical fossem desenvolvidos com professores da instituição, não estavam relacionados com a investigação referente às histórias infantis.

No que diz respeito ao domínio da expressão motora, este é desenvolvido em conjunto com a educadora, no ginásio da instituição. Contudo, e tendo em conta que a única área não desenvolvida foi apenas a das Tecnologias, isto significa que as diversas áreas, na sua maioria, foram desenvolvidas ao longo da exploração das histórias contadas às crianças.



*Figura 11 - Áreas observadas*

Reforçando a conclusão anterior referente às áreas observadas, verifica-se igualmente na figura 11 que, ao longo das nove observações realizadas, as duas áreas que prevaleceram foram a da Linguagem Oral e Abordagem à Escrita e a da Formação Pessoal e Social. Assim sendo, pode-se afirmar que estas áreas foram sempre trabalhadas ao longo de todas as histórias. Ao continuar a analisar a figura acima, verifica-se que, a área da Matemática foi explorada em 8 de 9 observações e a área das Expressões foi explorada em 7 das 9 ocasiões. A área do Conhecimento do Mundo foi observada quatro vezes e, como referido anteriormente, a área das Tecnologias da Informação e Comunicação teve zero observações pelo motivo apresentado atrás.

Estas observações vão ao encontro da questão central do estudo, averiguar se as histórias infantis contribuem, como elemento facilitador, para as aprendizagens das diferentes áreas curriculares estipuladas para a educação pré-escolar. Dado que todas as crianças da sala gostavam de histórias, e tendo em conta os resultados obtidos, pode referir-se que as mesmas são um bom elemento para desenvolver as áreas curriculares.

### **3.1.2. Dados da entrevista realizada à educadora**

Os resultados que se seguem referem os dados obtidos após ter realizado a entrevista à educadora para o contributo da investigação. Estes estão apresentados sob forma escrita.

Os resultados que se seguem têm por base os dados obtidos após a realização da entrevista à educadora, tendo em conta o seu contributo para a presente investigação.

Para iniciar o processo de interpretação de dados, procedeu-se a uma análise de conteúdo, estando esta dividida em três temas, sendo eles: o **perfil do entrevistado; informação pessoal; histórias infantis**. Após a divisão dos temas procedeu-se à divisão em categorias.

Nesta entrevista deu-se ênfase à categoria da **Importância das histórias no desenvolvimento global das crianças**, dado ser este o tema central desta investigação. Esta categoria diz respeito à opinião da educadora sobre o que realmente as histórias podem transmitir às crianças ao nível das aprendizagens referidas nas metas para a educação pré-escolar. Esta mesma categoria foi dividida em quatro subcategorias, sendo elas: 1) **Aprendizagens com as histórias**, 2) **Vantagens**, 3) **Experiências de vida em grupo**, 4) **Um bom elemento facilitador da transversalidade das áreas curriculares**.

Relativamente à primeira subcategoria, **Aprendizagens com as histórias**, que visava aferir a importância que a educadora atribuía às histórias infantis, esta referiu que “...as histórias reúnem a possibilidade de trabalhar todas as áreas de intervenção previstas e propostas nas metas”. Ainda na mesma subcategoria, a entrevistada mencionou que “... a sua leitura e exploração dos seus conteúdos, aborda transversalmente, quase todas as áreas de intervenção, revelando-se integradora de conhecimentos”.

Como se pode constatar na leitura das respostas dadas pela educadora, e consultando o referencial teórico inicialmente estruturado, a leitura de histórias e a sua exploração são atividades que contribuem para uma diversidade de aprendizagens e de experiências na vida das crianças e na partilha em grupo. Estas atividades desenvolvem uma diversidade de experiências tais como, a partilha de momentos significativos, o conhecimento sobre o mundo e o desenvolvimento da imaginação e, tal como referem Rigolet (2009) e Rodrigues (2014), as crianças que estão diariamente expostas a diferentes tipos de literatura apresentam competências maiores relativamente à capacidade para lidar com os seus sentimentos e emoções.

Relativamente à segunda subcategoria **Vantagens**, e tal como se tem vindo a constatar ao longo da investigação, as histórias trazem vantagens, uma vez que contribuem para as crianças perceberem melhor o mundo que as rodeia e por vezes

entender melhor situações a serem vivenciadas. Como referido anteriormente, tendo em conta os dados relativamente às observações realizadas ao longo das manhãs, as histórias e a sua exploração posterior trabalham as diversas áreas propostas nas metas de aprendizagens para a educação pré-escolar. No que diz respeito à opinião da educadora, esta refere que “as histórias possibilitam trabalhar todas as áreas de intervenção previstas e propostas nas metas”, a sua afirmação vai ao encontro do **objetivo principal** estipulado no início do estudo.

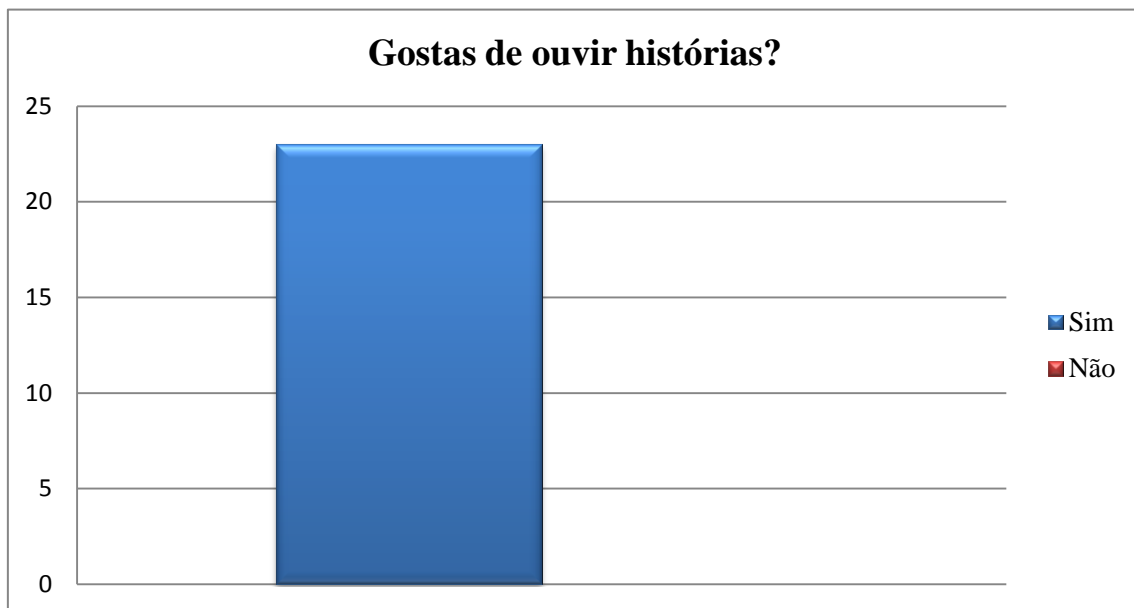
Em relação à terceira subcategoria, **Experiências de vida em grupo**, a resposta dada pela educadora foi “A exploração dos conteúdos dessa história pode dar origem à partilha de experiências vividas entre as crianças”. Tendo em conta o referencial teórico, e tal como indica Abramovich (1997), a leitura de histórias contribui para a formação pessoal da criança, pois é algo importante a ser desenvolvido ao longo da vida. É ainda importante referir que as histórias, muitas vezes de forma indireta, retratam as realidades vividas pela criança no seu dia-a-dia, sendo por sua vez importante a partilha em grupo, pois esta ajudará na reflexão sobre alguma situação que poderá vir a acontecer. Assim sendo a resposta dada pela educadora vai ao encontro das **questões de investigação**, nomeadamente as que dizem respeito à partilha em grupo, ao desenvolvimento da expressão e comunicação e à compreensão, interpretação, orientação e integração da criança no mundo que a rodeia.

Referente à quarta e última subcategoria, Bom elemento facilitador para a transversalidade das áreas curriculares, a opinião da educadora referente à questão colocada pela investigadora (“Na sua opinião as histórias infantis são um bom elemento facilitador para a transversalidade das áreas curriculares? Se sim, em que medida?) foi a seguinte: “Sim, são bastante facilitadoras da transversalidade das áreas curriculares, uma vez que depois da leitura de uma história, podem ser planificadas e estruturadas várias atividades que garantam a abordagem de todas as áreas”. Assim, pode-se concluir que esta afirmação por parte da educadora vai ao encontro do **objetivo principal** estipulado no início do estudo, sendo ele verificar se contar histórias, favorece o trabalho nas diversas áreas curriculares estipuladas para a educação pré-escolar.

### **3.1.3. Dados dos questionários realizados às crianças**

Os resultados que se seguem correspondem aos questionários realizados às crianças ao longo dos dias de investigação. Estes estão apresentados não apenas em

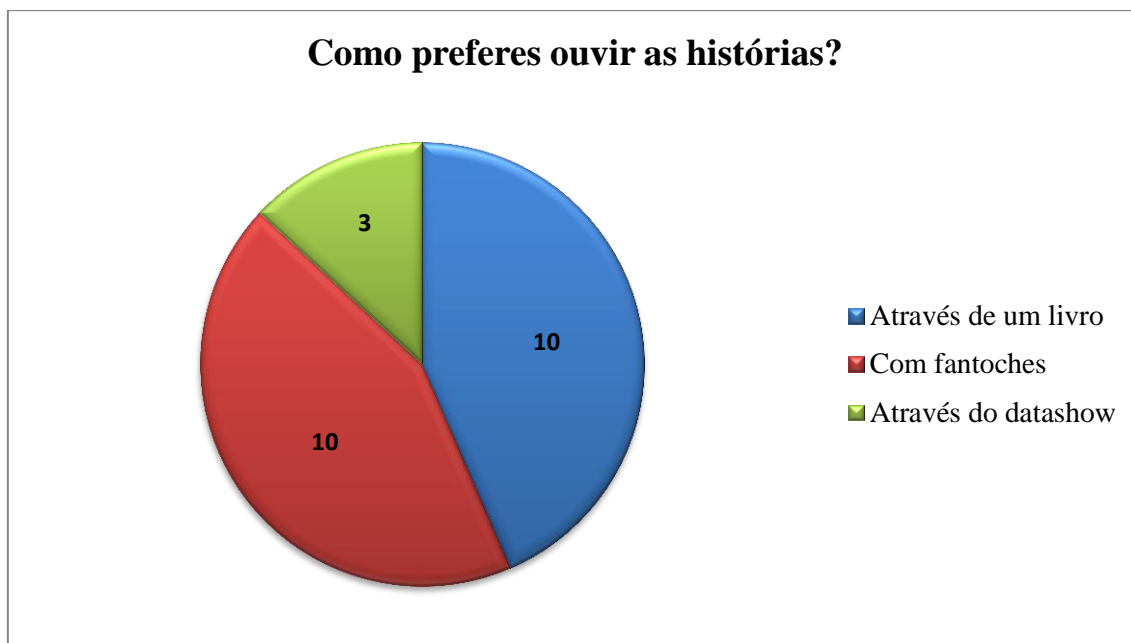
texto, mas também por meio de gráficos, para uma maior compreensão por parte do leitor.



*Figura 12 - Pergunta: Gostas de ouvir histórias?*

Para salientar a ideia já anteriormente referida nos resultados obtidos a partir das observações, o gráfico acima (figura 12) mostra claramente a unanimidade do gosto das crianças participantes nesta investigação pela atividade de ouvir histórias.

Tal como refere Vygotsky (2012), é através de uma história que a criança conhece mais profundamente a sua própria realidade, e o mundo que a rodeia. Este autor refere ainda que a imaginação é algo importante, que não se separa da realidade. Portanto, é fundamental que, sempre que possível, os educadores e pais proporcionem momentos de leitura para as crianças desenvolverem o pensamento lógico e a sua imaginação.

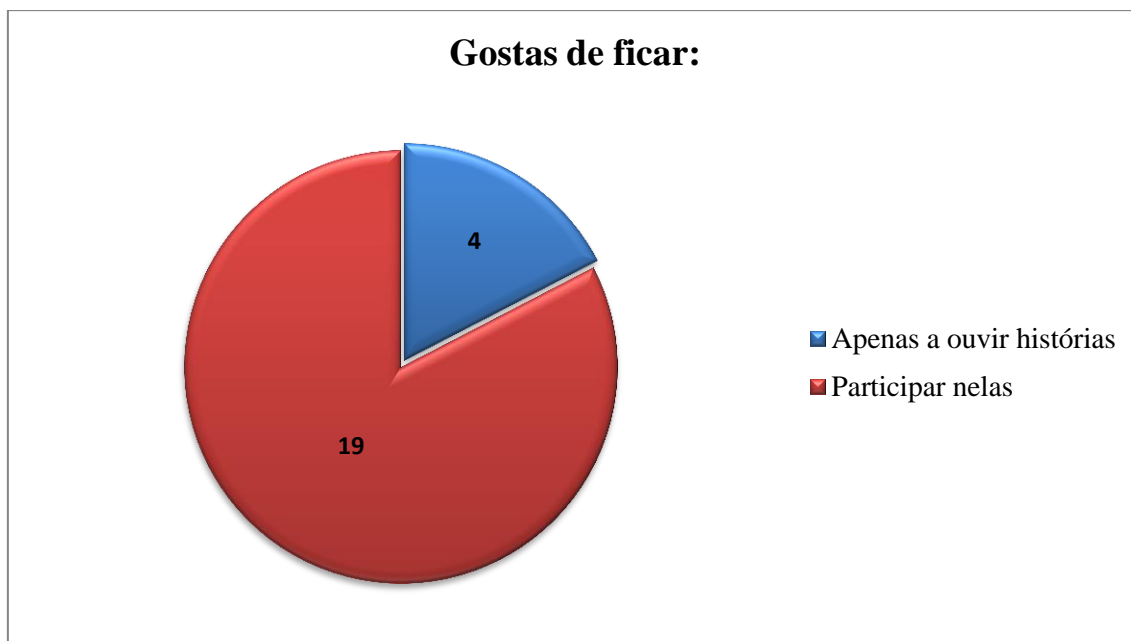


*Figura 13 - Pergunta: Como preferes ouvir histórias?*

Sendo 23 o número total de crianças participantes nesta investigação, ao observar a figura acima, pode verificar-se que as opções com maior número de escolhas foram “através de um livro” e “com fantoches”, sendo a opção “através do *datashow*” escolhida por um número reduzido de crianças.

Após ter questionado as crianças sobre a sua preferência, foi-lhes então perguntado o porquê dessa escolha, ao que as crianças que responderam “através dos livros” responderam que gostavam mais porque assim podiam participar e questionar a educadora sobre alguma dúvida que poderia surgir ao longo da narração. O mesmo sucedeu com as respostas dadas pelas crianças que responderam “com fantoches”, estas responderam igualmente que poderiam interagir com os fantoches, o que tornaria a atividade mais apelativa e interessante.

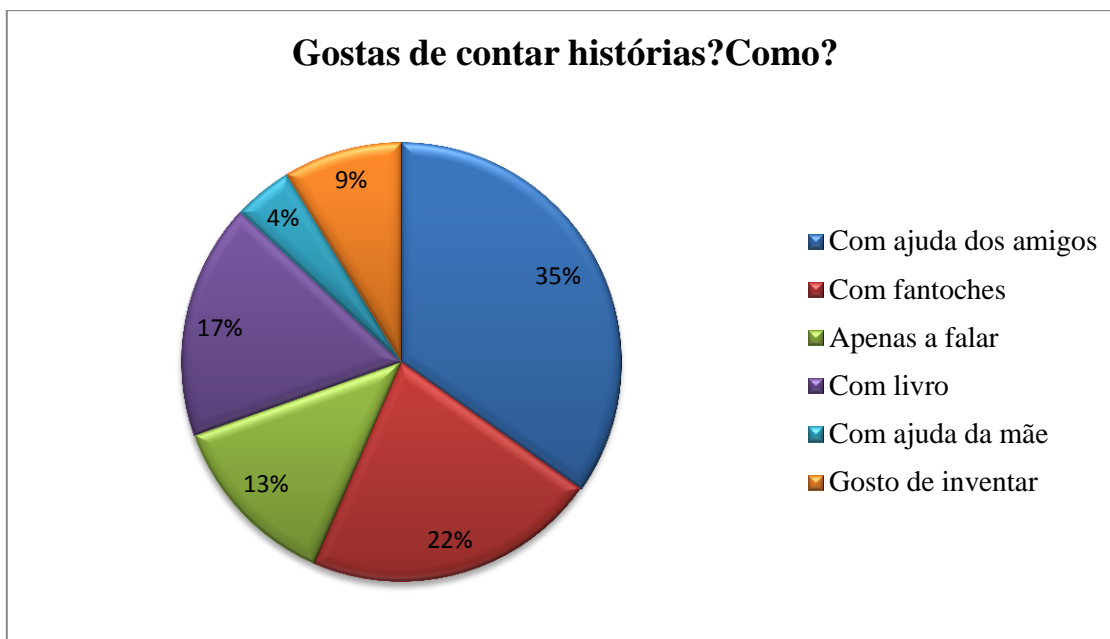
Poderá assim dizer-se que as respostas dadas pelas crianças vão ao encontro das questões de investigação colocadas no início do estudo. Estas referem-se à forma como a leitura e exploração das histórias infantis desenvolvem a capacidade de expressão e comunicação e ao seu contributo para o desenvolvimento de experiências de vida em grupo. Pode-se constatar que as crianças têm a perceção de que tanto com o livro como com a utilização de fantoches podem participar mais nas atividades em torno das histórias do que com a utilização do *datashow*.



*Figura 14 - Pergunta: Gostas de ficar:*

O gráfico da figura 14 representa a terceira questão do questionário realizado às crianças. Tal como se pode constatar, a maioria das crianças tinha preferência pela segunda opção referente à sua participação ao longo da narração das histórias. Após as crianças terem respondido, foram ainda questionadas sobre a sua escolha, pois foi importante perceber o porquê dessa opção, na medida em que poderia ser um elemento importante para uma futura intervenção por parte da investigadora. Na sua maioria, as crianças responderam que gostava de participar ao longo das histórias. Seguem-se algumas respostas dadas pelas crianças: “porque posso dizer coisas que eu vejo e que gosto”, “porque às vezes nas histórias acontecem coisas que acontecem na minha vida e gosto de dizer a todos”, “porque gosto de partilhar”. Poderá assim dizer-se que as opiniões das crianças não diferem muito entre si, pois quase todas têm gosto em contar um pouco das suas experiências e acima de tudo gostam de partilhar experiências.

Pode-se concluir que, mais uma vez, estes dados vão ao encontro das questões de investigação colocadas no início do estudo. Estas referem-se à forma como a leitura e exploração das histórias infantis desenvolvem a capacidade de expressão e comunicação e contribuem para o desenvolvimento de experiências de vida de grupo.



*Figura 15 - Pergunta: Gostas de contar histórias? Como?*

A pergunta em que se baseia a figura 15, tal como as questões anteriores, vai ao encontro das questões de investigação, que dizem respeito ao **contributo das histórias no desenvolvimento das experiências de vida de grupo e ao desenvolvimento da capacidade de expressão e comunicação que surgem após a leitura e exploração das histórias**. Visto que as crianças gostam de contar histórias e que a maioria prefere fazê-lo “Com ajuda dos amigos”, foi notório ao longo das observações o gosto por parte das crianças, sempre que podiam partilhar as suas experiências ou até mesmo fazer comparações de situações observadas.

Relacionando os resultados obtidos no questionário aplicado às crianças com o referencial teórico inicialmente estruturado, recorde-se que, segundo Abramovich (1997), a leitura de histórias tem uma grande importância no que diz respeito à formação pessoal das crianças, sendo que a partilha em grupo ajuda na reflexão de alguns acontecimentos. Analisando as respostas das crianças, pôde-se constatar que a partilha das mesmas foi considerada benéfica e importante.

É de referir que, durante a aplicação de um dos questionários, uma criança perguntou: “sabes o que aprendi com estas histórias?”, ao que a investigadora respondeu: “Não! Queres contar-me o que aprendeste?”. Nesse momento, as restantes crianças juntaram-se e o questionário acabou por tornar-se numa conversa em grande grupo, em que algumas crianças partilharam igualmente o que aprenderam, como por

exemplo: "Com as histórias aprendemos a tratar das plantas que temos na nossa varanda"; "Aprendemos a respeitar os adultos e a não mentir"; "A cor da nossa pele"; "Aprendi a procurar as letras que temos nos livros"; "Aprendemos a escrever o que os amigos dizem e a escrever os números".

Pode verificar-se, com base nestas respostas, que as crianças têm noção de que fizeram uma diversidade de aprendizagens a partir das histórias ouvidas, mesmo sem se aperceberem de que as desenvolveram nas diferentes áreas curriculares. Assim sendo, valida-se o **segundo objetivo** estipulado no início do estudo, relacionado com **as aprendizagens interiorizadas por parte das crianças após a narração das histórias e das atividades desenvolvidas**.

Assim sendo e como refere Mata (2008), umas das peças fundamentais para a formação pessoal de cada criança é a partilha de experiências. Relacionando esta partilha com a resposta dada pela educadora à questão **Na sua opinião, as histórias infantis são um bom elemento facilitador para a transversalidade das áreas curriculares?** ("Sim, são bastante facilitadoras da transversalidade das áreas curriculares, uma vez que depois da leitura de uma história, podem ser planificadas e estruturadas várias atividades que garantam a abordagem de todas as áreas"), poderá assim dizer-se que as respostas de ambas as partes estão relacionadas, visto as crianças terem numerado diversas aprendizagens, o que está de acordo com a resposta dada pela educadora.

#### **4. Considerações finais**

Tal como referido no início deste trabalho, a questão central do estudo era perceber a contribuição que as histórias infantis tinham relativamente a serem um elemento facilitador das aprendizagens nas diferentes áreas curriculares para a educação pré-escolar. No decorrer da investigação, através das várias observações realizadas às intervenções da educadora relativamente à leitura de histórias, pode-se considerar que esta questão é válida.

Constatou-se que, ao longo de todas as histórias ouvidas e posteriormente trabalhadas, foram realmente desenvolvidas diversas áreas estipuladas nas metas de aprendizagens, de forma transversal. Pode-se ainda referir que, ao longo da entrevista, a educadora mostrou ter a mesma opinião. Ainda ao longo dos questionários e conversas com as crianças, estas referiram por diversas vezes que aprendiam “muitas coisas novas” ao longo destes dias em que ouviam histórias e faziam trabalhos após a sua leitura.

Relativamente às questões de investigação, podem igualmente ser validadas, pois ao longo das observações, conversas e entrevista à educadora percebeu-se que, ao serem narradas diversas histórias diariamente e em diferentes contextos, as crianças conseguem estabelecer ligações com o mundo que as rodeia, tendo uma maior compreensão e interpretação de situações a que poderão estar sujeitas. Ainda durante as observações, pode-se constatar que no decorrer da leitura e exploração das histórias houve diversas partilhas de experiências em grupo, o que desenvolveu a expressão e comunicação de todas as crianças, visto que todas participaram nas conversas.

Considera-se ainda que os objetivos estipulados no início do estudo foram alcançados, no decorrer de uma investigação centrada no olhar atento sobre a aprendizagem das crianças nesta etapa da educação. A partir do presente estudo, é possível continuar a investigar o assunto.

Através da realização das pesquisas bibliográficas, foi possível concluir que uma ação educativa apoiada numa aprendizagem ativa proporciona às crianças aprendizagens repletas de conhecimentos, o que também foi possível constatar ao longo das observações. Uma vez que as histórias e as atividades escolhidas surgiram a partir dos interesses das crianças, estas constituíram assim um meio favorecedor da construção de novos saberes. As aprendizagens proporcionaram às crianças um ambiente agradável,

securizante e promotor do desenvolvimento da iniciativa e autonomia das crianças (Hohmann & Weikart, 2011).

É importante referir que, ao longo desta investigação, existiram algumas limitações, relacionadas com o tempo. Possivelmente, se houvesse mais tempo, os dados recolhidos seriam mais precisos e relevantes. Ainda assim, todas as informações obtidas foram importantes para a investigação.

O desenrolar deste trabalho permitiu alargar conhecimentos acerca da prática educativa desenvolvida nos contextos de educação pré-escolar. As estratégias utilizadas - como as histórias escolhidas, o reconto das mesmas e o trabalho desenvolvido posteriormente - foram bem-sucedidos, pois o grupo demonstrou interesse em explorar todas as atividades propostas pela educadora. As atividades de reconto realizadas pelas crianças são importantes, visto possibilitarem o desenvolvimento da capacidade de escuta, de memorização, de expressão oral, de esquematização mental da narrativa e da ordenação temporal dos factos.

No entanto, reconhece-se que a promoção da leitura é de facto da responsabilidade de todos, passando pela família, pela escola, por toda a comunidade em que as crianças estão inseridas.

Após esta investigação, conclui-se que as histórias são muito importantes, pois proporcionam aprendizagens a vários níveis, desde a aquisição de novo vocabulário, passando pelo desenvolvimento do espírito crítico e da capacidade de argumentação, até ao estímulo da imaginação e ao melhoramento na estrutura do discurso oral. Ao finalizar a investigação, tomou-se consciência de que é importante contar histórias, sendo esta atividade fundamental para o desenvolvimento intelectual das crianças, despertando a imaginação, a compreensão e o interesse pela leitura.

Relativamente a futuros estudos, e caso houvesse possibilidade de continuar outra investigação a partir desta, seria interessante perceber: 1) a importância que os pais dão às histórias infantis, 2) perceber se é uma prática diária de todos os educadores ler histórias às crianças e posteriormente trabalhá-las, 3) verificar se a generalidade das crianças acha importante que lhes sejam contadas histórias e porquê.

Enquanto estagiária e futura educadora, a investigadora considera que é importante que toda a teoria recolhida para este ou qualquer tema se reflita ao longo da

prática, em especial no que diz respeito às questões que abrangem o processo de ensino-aprendizagem.

Relativamente a futuras publicações, é de referir que este tipo de investigação poderia ser divulgado na revista da instituição. É notória a falta de conhecimento, por parte de alguns agentes educativos, sobre o trabalho que é desenvolvido em contexto de estágio nas instituições cooperantes. Ao longo desta investigação tornou-se evidente a falta de informação que os encarregados de educação tinham sobre o estágio profissional da investigadora, referindo-se a este como “mais um estágio”. Seria, pois, desejável contrariar ideias preconcebidas, superficiais e desajustadas à realidade no que respeita aos estágios profissionais e ao trabalho que é desenvolvido em conjunto com as crianças e com a equipa docente e não docente.

Conclui-se que é através da experiência que se cresce a nível pessoal e profissional, sendo igualmente fundamental a formação contínua nesta profissão, podendo-se assim renovar conhecimentos, estratégias, intervenções e cuidados, o que permite a adaptação às diferentes situações e realidades que poderão surgir ao longo do desempenho desta profissão.

## Referências bibliográficas

- Abramovich, F. (1997). *Literatura infantil: gostosuras e bobices* (4ª ed.) São Paulo: Scipione.
- Bardin, L. (1997). *Análise de Conteúdo*. Lisboa: Edições 70.
- Bogdan, R., Biklen, S. (1994). *Investigação Qualitativa em Educação*. Porto: Porto Editora.
- Colonista Portal. (2012). *Origem da Literatura Infantil - Artigo de Educação e Pedagogia - Portal Educação*. Acesso em 14 de 5 de 2015, disponível em Portal Educação: <http://www.portaleducacao.com.br/pedagogia/artigos/24531/origens-da-literatura-infantil>.
- Estrela, A. (1994). *Teoria e prática de observação de classes: Uma estratégia de Formação de professores*. Porto: Porto Editora.
- Formosinho, J. (2001). *A formação prática de professores: da prática docente na instituição de formação à prática pedagógica nas escolas*. Porto: Porto Editora.
- Formosinho, J. , Lino, D. & Niza, S. (2013). *Modelos curriculares para a educação de infância: Construindo uma práxis de participação*. Porto: Porto Editora
- Gregório, R. (2011). *Compartilhar e Crescer: A Importância Do Contar Histórias Na Educação Infantil*. Acesso em 23 de 01 de 2015, disponível em Compartilhar e Crescer: <http://reginapsicopedagoga.blogspot.pt/2011/04/importancia-do-contar-historias-na.html>.
- Hohmann, M e Weikart, D. P. (2011). *Educar a criança*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.
- Manzini, E. (1990). *Entrevista semi-estruturada: Análise de objetivos e de roteiros* - Depto de Educação Especial, Programa de Pós Graduação em Educação, Unesp, Marília. Apoio: CNP.
- Mata, L. (2008). *A Descoberta da Escrita: Textos de Apoio para Educadores de Infância*. Lisboa: Ministério da Educação- Direcção Geral de Inovação e de Desenvolvimento Curricular.

- Ministério da Educação, (1997). *Legislação*. Lisboa: ME/DGEB/NEPE.
- Ministério da Educação, (1997). *Orientações Curriculares para a Educação Pré-Escolar*. Lisboa: ME/DGEB/NEPE.
- Ministério da Educação, (Sd). *Orientações para Actividades de Leitura. Programa – Está na Hora da Leitura. 1.º Ciclo*. Lisboa: Ministério da Educação.
- Pacheco, J. (2006). *Currículo: teoria e prática* (3ª ed.). Porto: Porto Editora.
- Pahl, T. (2008). A importância da literatura infantil para o desenvolvimento da criança, Instituto Cenecista Fayal de Ensino Superior, Itajaí.
- Quivy, R., & Campenhoudt, L. V. (2005). *Manual de Investigação em Ciências Sociais*. Editora: Gradiva. 4ª Edição.
- Ramos, A. (2007). *Livros de Palmo e Meio, Reflexões sobre a literatura para a infância*. Editora: Caminho.
- Rigolet, S. (2009). *Ler livros e contar histórias com as crianças*. Porto: Porto Editora.
- Rodrigues, R. (2014). *A importância das histórias desde o primeiro ano de vida – um olhar sobre a diversidade de materiais*. (Relatório da prática profissional supervisionada). Escola Superior de Educação de Lisboa (ESEL), Lisboa.
- Roegiers, J. K. (1986). *Metodologia da recolha de dados*. Lisboa: Instituto Piaget
- Silva, A. (2008). *Trajectoria da literatura infantil: da origem histórica e do conceito mercadológico ao carácter pedagógico na atualidade*. Centro Universitário Eurípides de Marília. Acesso em 27/06/15. Disponível em: <http://www.google.pt/url?sa=t&rct>.
- Sim-Sim, I., Silva, A., & Nunes, C. (2008). *Linguagem e comunicação no jardim-de infância*. Lisboa: Editorial Ministério da Educação.
- Vygotsky, L. (2012). *Imaginação e Criatividade na Infância*. Editora: Dinalivros.

# **Anexos**

Anexo1 – Check-list com identificação de áreas desenvolvidas em cada história

|   |  | ÁREAS DE APRENDIZAGENS |              |               |             |            |                           |                                      |            |   |
|---|--|------------------------|--------------|---------------|-------------|------------|---------------------------|--------------------------------------|------------|---|
|   |  | Conhecimento do Mundo  | Expressões   |               |             |            | Formação Pessoal e Social | Linguagem Oral e Abordagem à Escrita | Matemática | Tecnologias de Informação e Comunicação |
|   |  |                        | Exp.Plástica | Exp.Dramática | Exp.Musical | Exp.Motora |                           |                                      |            |   |
| H<br>I<br>S<br>T<br>Ó<br>R<br>I<br>A<br>S | “O burro vestido com a pele de um leão”                          | x                      | x            |               |             |            | x                         | x                                    | x          |   |
|   | “Palavras pequeninas”  |                        | x            |               |             |            | x                         | x                                    | x          |   |
|   | “Todos no sofá”  | x                      | x            |               |             |            | x                         | x                                    | x          |   |
|   | “O Príncipe de Veneza”   |                        | x            |               |             |            | x                         | x                                    | x          |   |
|   | “Mamã maravilha”   |                        | x            |               |             |            | x                         | x                                    | x          |   |
|   | “As cores do arco-íris”  | x                      | x            |               |             |            | x                         | x                                    | x          |   |
|   | “O Pássaro da Alma”  |                        | x            |               |             |            | x                         | x                                    | x          |   |
|   | “Ainda nada”   | x                      |              |               |             |            | x                         | x                                    | x          |   |
|   | “Desculpa-me”  |                        |              |               |             |            | x                         | x                                    |            |   |
|   | Nº de vezes das áreas abordadas ao longo dos meses de observação | 4                      | 7            | 0             | 0           | 0          | 9                         | 9                                    | 8          | 0                                       |

## **Anexo 2 – Guião da entrevista realizada à educadora**

### **1. Apresentação**

**Nota:** Valorizar o contributo do entrevistado e agradecer a sua disponibilidade. Dar a conhecer ao entrevistado o objetivo da entrevista e do trabalho académico que está a ser desenvolvido. Falar da confidencialidade.

“Boa tarde, antes de mais, agradeço a sua participação neste estudo. Relembrando, que nos encontramos aqui hoje para perceber o seu ponto de vista relativamente ao estudo a ser desenvolvido no âmbito do Relatório final de Mestrado em Educação Pré-Escolar tendo como tema: a importância das histórias infantis como elemento facilitador para a transversalidade das áreas curriculares na educação pré-escolar. Relembrando que esta entrevista é confidencial e que caso ache oportuno poderá interromper para qualquer dúvida que irá surgindo ou caso queira acrescentar algo que considere importante”.

Data de Realização: \_\_\_ / \_\_\_ / 2015

Hora: \_\_h\_\_

Duração: \_\_\_\_\_

### **2. Perguntas mais pessoais**

a. Idade:

b. Tempo de experiência profissional:

c. Na sua infância recorda-se de alguns momentos relacionados com o contar histórias?

### **3. Perguntas concretas e mais direcionada para o estudo**

a. Na sua opinião, considera as histórias infantis importantes para o desenvolvimento global das crianças? Se sim, em que medida?

b. Considera que o ato de contar histórias apresenta vantagens? Quais?

c. Na sua opinião, as histórias promovem experiências de vida em grupo?

d. Na sua opinião as histórias infantis são um bom elemento facilitador para a transversalidade das áreas curriculares? Se sim, em que medida?

e. Gostaria de partilhar mais alguma informação ou algo que ache relevante?

### Anexo 3 – Questionário realizado às crianças

**Gostas de ouvir histórias?**

|     |     |
|-----|-----|
| Sim | Não |
|     |     |

**Como preferes ouvir as histórias?**

|                       |  |
|-----------------------|--|
| Através de um livro   |  |
| Com fantoches         |  |
| Através do dater show |  |
| Outras?               |  |
| Quais?                |  |

**Gostas de ficar:**

|                           |                   |
|---------------------------|-------------------|
| Apenas a ouvir histórias? | Participar nelas? |
|                           |                   |

**Porquê?**

**Gostas de contar histórias?**

|     |     |
|-----|-----|
| Sim | Não |
|     |     |

**Se sim, Como?**

**O que é que aprendeste com as histórias que foram contadas ao longo destes meses?**

|  |
|--|
| A ler  |
| A conhecer as páginas  |
| Procurar as vogais   |
| Procurar as imagens  |
| Temos de usar os marcadores para sabermos onde ficamos na história |
| Procurar as letras que temos nos livros                            |
| Aprendemos a escrever com as letras das histórias                  |
| Aprendemos a escrever o que os amigos dizem                        |
| Aprender a escrever os números                                     |
| Aprendemos a fazer sílabas   |
| Aprenderam a contar histórias                                      |
| Com as histórias aprendemos a tratar das plantas                   |
| Aprendemos a desculpar os outros e a respeitá-los                  |
| A cor da nossa pele  |
| Aprendemos a respeitar os adultos                                  |
| Aprendemos a não mentir aos adultos                                |